

Somente Você



Daniele Claudino



Somente Você

Daniele Claudino



N.º: 312236178

WWW.REGISTRODEOBRAS.COM
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Copyright © 2019 Daniele Claudino

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Os direitos morais do autor foram assegurados.

Capa: Mariana Oliveira

Quando duas pessoas se amam, elas não se dominam, nem se submetem. Apenas se completam.

1. Frustração

Nova Iorque...

O vidro do globo de neve se estilhaçou ao bater com força na porta e, por pouco, não acertou o rosto dele, que a encarava num misto de incredulidade e raiva.

— Sua louca! O que queria? Me acertar com isso? — Clarence perguntou, elevando a voz e caminhou em direção a sua namorada mesmo sabendo que ela estava descontrolada.

— Não se aproxime de mim! Desgraçado! Eu odeio você! — Tiffany gritou antes de atirar outros objetos na direção dele.

Clarence conseguiu se desviar de alguns, mas foi acertado por um que atingiu em cheio sua testa deixando ali um belo corte.

— Oh! Sua... — Clarence tocou seu ferimento que agora ardia e ao perceber que sangrava, encarou Tiffany com ódio.

— Meu deus! Clarence? Me desculpe? — Tiffany disse ao perceber que o ferira. Não queria machucá-lo, apenas deixá-lo nervoso. Se aproximou dele. Ele recuou e ela insistiu, ele a empurrou, mas ela não desistiu e conseguiu se aproximar dele e dar uma olhada em seu ferimento. — Tá tudo bem. Não foi profundo.

— Sua louca! — Clarence disse, antes de Tiffany e ele rirem. — Agora, eu exijo que dê um jeito nisso! — Ele disse e sorriu com malícia enquanto encarava o decote dela.

— Você não presta mesmo! — Tiffany disse, rindo e, o empurrou na cama. Quis se afastar, mas ele segurou seu pulso.

— Ei? Aonde você vai? — Clarence perguntou.

— Pegar o que preciso para fazer um curativo nesse ferimento. — Tiffany respondeu.

— Depois, amor... Só preciso de um beijo de amor para me curar. — Clarence disse e a puxou. Tiffany caiu em cima dele. Os dois se encararam por um tempo e se beijarem.

Augusta, Maine...

— Eu entendo que tenha acabado de se separar do Stephen e que cuidar do Terry e da casa sozinha não tem sido fácil, mas você não deve negligenciar sua carreira, Ellie. — Falou Hermínia.

— Não estou negligenciando minha carreira, mãe! — Ellie disse com raiva e suspirou. — Uma escritora não pode ficar um tempo sem escrever? Acho que também tenho direito a férias.

— Sabe por que Mary Hatfield permanece no topo como uma das escritoras mais lidas na atualidade? — Inquiriu Dwayne Sutton, o agente literário de Ellie. — Por que ela não tira férias!

— Eu não tenho como competir com os romances açucarados dela! — Falou Ellie.

— É claro que tem! — Hermínia disse. — O que aconteceu com suas histórias cheias de drama, paixão e vingança? É isso o que o público precisa! E não os romances bobos de uma tal Mary Hatfield!

— Vamos, Ellie? O público está ansioso pelo seu retorno! — Dwayne disse e sorriu amarelo. Ele odiava o fato de perder tanto dinheiro só porque Ellie estava sofrendo com uma crise de inspiração.

— Talvez, eu, já tenho escrito o bastante. — Ellie disse, desanimada. Ela não via mais sentido em continuar com aquilo. Quando escrever deixara de ser divertido? Oh, sim... Quando ela deixara de escrever o que queria para escrever o que vendia mais.

— O que quer dizer? — Dwayne inquiriu pálido. Não podia perder uma de suas melhores clientes.

— Que, talvez, eu deva me aposentar. — Falou Ellie.

— O quê? — Hermínia riu, mas logo fechou a cara com raiva. — Nem mesmo eu me aposentei, por que você faria uma besteira dessas?

— Por que ao contrário de você, sei a hora de parar! — Ellie disse, antes de se levantar do sofá e ir para a cozinha, deixando sua mãe e seu agente, atônitos.

Ellie apoiou as duas mãos na mesa e respirou fundo, contendo algumas lágrimas. Não queria parar de escrever, mas a verdade é que sentia que não conseguiria fazer aquilo, não com tantas preocupações em sua cabeça.

A separação com Stephen não fora amigável. Ellie passara tempo demais concentrada nos romances que escrevera para dar atenção ao marido, que, sentindo-se sozinho, encontrou conforto nos braços da babá de Terry. Ellie flagrou os dois quando voltava de um passeio com o filho. Terry ficou chateado com o que viu e, desde, então, se tornou introvertido, tendo que frequentar algumas sessões com um psicólogo.

Ellie teve de se conter pelo filho, para não lhe causar mais dor e, por isso, evitou armar um escândalo, mas exigiu que aquela vagabunda desse o fora de sua casa. Arrumou as malas de Stephen e o expulsou. Ele quis se despedir de Terry, mas Ellie não deixou e, também, Terry não quis vê-lo.

Stephen tentou se aproximar do menino algumas semanas depois, mas Terry o repelia, magoado. Stephen acusou Ellie de colocar o menino contra ele e ameaçou tirar a tutela dela. Os dois discutiram feio, trocaram palavras duras e prometeram se enfrentar em um tribunal. Desde, então, Ellie só conseguia pensar em uma forma de não perder o filho.

“Será fácil tirá-lo de você, quando provar ao juiz que você se dedica mais aos seus livros estúpidos que ao nosso filho”, Stephen dissera, e Ellie não conseguiu escrever mais uma frase, se culpando pelo que acontecera e temendo perder o filho.

— Eu posso arranjar alguém para lhe ajudar a cuidar da casa e olhar o Terry, querida. — Disse Hermínia ao entrar na cozinha e flagrar Ellie chorando.

— Não quero outra vagabunda aqui! — Ellie disse dando as costas rapidamente a sua mãe enquanto enxugava suas lágrimas com as mãos.

— Tá. Sem vagabundas. Vou colocar isso no anúncio. — Brincou Hermínia e se aproximou da filha, tocando seus ombros. — Não deixe que aquele miserável arruíne sua carreira também. Não dê esse gosto a ele? Prove que pode cuidar do Terry e, ao mesmo tempo, publicar um best-seller!

Ellie suspirou pensando nas palavras de sua mãe.

Nova Iorque...

— Jura pra mim que não tem nada com aquela garota? Que era ela que estava flertando com você e não o contrário?! — Tiffany disse, deitada com a cabeça no peito desnudo de Clarence.

— É claro... — Clarence fez uma careta, certo de que se Tiffany, sequer desconfiasse a verdade, o mataria. — Você sabe que o cara aqui é bonitão e as minas caem morrendo em cima!

Tiffany deu um tapa na barriga dele. Clarence riu e disse:

— Mas só tenho olhos para você, meu amor.

Segura daquelas palavras, Tiffany sorriu, mordendo o lábio. Ela era insegura porque Clarence trabalhava como bartender em uma casa de shows chamada Neverland, cujo lema era “Aqui, o prazer e a diversão nunca terminam”. Casa de shows era o jeito educado de chamar aquele prostíbulo onde mulheres esbeltas dançavam com pouca roupa.

A própria Tiffany já fora uma dançarina naquele lugar para sustentar seu antigo vício em drogas, e Peter (o proprietário mimado) a explorara por algumas gramas de pó. Clarence conseguiu enxergar algo em Clarence que ela nunca soube o quê e foi isso que o motivou a se aproximar dela, resistindo a todas as suas tentativas de afastá-lo.

Ele a levou para o seu apartamento e cuidou dela como quem cuida de um animalzinho confuso e perdido. A tirou daquele vício maldito e conseguiu arranjar um emprego bacana para ela em uma loja de roupas femininas. Claro que isso não aconteceu da noite para o dia. Foram dez anos numa luta árdua, entre lágrimas, crises, tentativas de suicídio, recaídas... Até Tiffany, finalmente, conseguir entrar na linha.

Hoje, ela não poderia descrever em palavras o tamanho do seu ódio por pessoas miseráveis que arrastavam os outros para aquele vício maldito, pessoas como Peter.

Tiffany não conseguia enxergar, mas sua relação com Clarence não era tão perfeita quanto imaginava. Sim, ele a salvara, mas por isso, se sentia o seu dono. Ela era cega de amor por ele ou agradecida demais para não perceber a forma como ele a manipulava. O que eles sentiam um pelo outro era qualquer coisa, menos amor.

As brigas por ciúme eram constantes e um vigiava o outro sempre esperando flagrar alguma coisa. A briga que o casal tivera há pouco só acontecera porque Tiffany fora até a Neverland no fim do turno de Clarence, fazer-lhe uma surpresa... Não. VIGIÁ-LO. Confirmar se ele ia mesmo direto para a casa no fim do turno, se saía mesmo no horário em que afirmava, e foi quando o viu próximo demais de uma morena oferecida. Tiffany não disse nada e se limitou a observar a cena para ver até onde Clarence levaria aquilo. Só que ele virou o rosto por um instante e viu Tiffany parada em um canto o observando, irada. Praguejou baixo, antes de dizer algo a morena e ir atrás de Tiffany, e ali estavam eles como se nunca tivessem brigado.

Na manhã seguinte quando Tiffany tomava banho para ir ao trabalho seu celular tocou, despertando Clarence. Ele tateou a mão pelo criado-mudo até alcançar o aparelho e o atendeu.

— Bom-dia, Tiffany? E aí? Pegou aquele safado no ato? — Odessa disse. — Eu te disse que o Clarence não vale o ar que respira e que ele é safado. SAFADO!

— Sim. MUITO safado. — Clarence disse, sorrindo com raiva.

Odessa ficou mudo na linha. Por essa, ela não esperava. Por que ele atendera o celular de Tiffany? Droga.

— Fala alguma coisa, Chapeuzinho? — Clarence provocou.

— Você pode passar para Tiffany? — Odessa disse e fez uma careta.

— Não dá. Ela tá no banho agora. — Clarence disse. — Tchau Odessa. — Clarence desligou e, após colocar o celular de volta no criado-mudo, virou para o lado e cobriu a cabeça, voltando a dormir.

Cinco minutos depois, o celular tocou, o despertando, outra vez.

— Tiffany? — Clarence chamou e descobriu a cabeça se sentando, irritado, antes de atender o celular dela. — Alô?

— A nossa Tiffany já saiu do banho? — Odessa perguntou sorrindo.

— Não. E não é “nossa”! É “minha”! — Clarence disse.

— Ah, eu não sou ciumenta. Você é? — Odessa disse com intenção de provocá-lo.

— Odessa? Estou tentando dormir... Será que você pode parar de ligar agora? A Tiffany retorna a sua ligação quando terminar o

banho eterno dela. — Clarence desligou na cara de Odessa novamente e para não ser mais incomodado, desligou o aparelho.

A campainha tocou e Clarence se levantou. Vestiu seu robe e calçou seus chinelos antes de ir ver quem o estava incomodando aquela hora.

Tiffany não acreditara muito em Clarence quando ele dissera que não tinha nada a ver com a morena com quem falara noite passada. Quer dizer, ela até acreditara, mas por pouco tempo. Despertara nervosa e sentira vontade de se entregar ao seu antigo vício. Para fugir desse desejo insano, ela se trancou no banheiro. Pegou uma lâmina que Clarence usava para se barbear e entrou embaixo do chuveiro ligado. Se sentou no chão e encarou a lâmina, nervosa. Estava cada vez mais difícil esconder os cortes de Clarence, mas ela precisava daquilo, pois lhe trazia algum prazer mesmo em meio a dor e agonia que o corte provocava.

Algum tempo depois, Tiffany ouviu Clarence lhe chamando e se assustou, enxaguando a lâmina rapidamente antes de a guardar onde a encontrara. Ela voltou para debaixo do chuveiro para limpar a perna. Se ficasse alguma mancha de sangue, ela poderia, talvez, mentir que estava naqueles dias. Clarence acreditara na última vez.

Clarence abriu a porta e quase não acreditou quando viu Camila. Aquilo só podia ser um pesadelo! Se Tiffany ficara furiosa por vê-los conversando noite passada, imagine então se a visse ali?

— O que está fazendo aqui? — Clarence perguntou com raiva.

— Vim buscar o que me prometeu e não vou sair daqui sem o que quero! — Disse Camila.

— Você ficou louca? A minha mulher está em casa! Volte aqui depois! — Clarence quis fechar a porta, mas Camila o deteve, segurando a porta a tempo.

— Não tenta me enrolar, Clarence ou eu ferro com você! — Camila disse.

— VAI EMBORA! — Disse Clarence, nervoso.

— O que ela está fazendo aqui? — Tiffany disse ao vir de repente enrolada em uma toalha.

— Tiffany? Eu posso explicar... — Clarence disse se voltando a ela.

— Você está saindo com essa piranha, não está? Assume? Desgraçado! — Tiffany disse, furiosa.

— Ei? Piranha não! Me respeita, querida! Eu sou uma cliente. Apenas isso! — Camila disse.

— Cliente? Que cliente? Do que ela está falando, Clarence? — Tiffany perguntou, desconfiada.

— Nada. — Clarence disse, se voltando a Camila. — Vai embora ou juro por deus que vai se arrepender!

— Claro... Assim que você me der o meu pó! — Camila disse.

— Pó?! — Tiffany balançou a cabeça, desapontada.

— “Pozinho mágico”, te faz levitar! — Falou Camila e riu.

Clarence segurou Camila pelo braço e a arrastou para longe dali. Quando voltou, foi até o quarto e encontrou Tiffany acabando de se vestir.

— Eu posso explicar, amor. — Ele disse.

— O que quer que tenha a dizer não me interessa! Estou atrasada! — Tiffany disse e após prender seus cabelos num rabo de cavalo, pegou seu celular e sua bolsa e saiu, batendo as portas.

Clarence descontou sua ira no primeiro móvel que viu, o empurrando.

— Droga!

A campainha tocou e Clarence foi correndo, achando que era Tiffany que esquecera alguma coisa e provavelmente a chave como era um costume dela, pois sempre que saía, passava a chave por baixo da porta para Clarence. Ele abriu a porta e viu que não era Tiffany.

— Eu quero o meu pó! — Camila exigiu.

— Quer o seu pó, é? Vou te dar então! — Clarence disse, sombrio.

2. Um dia difícil

Tiffany não foi ao trabalho como dissera a Clarence. Conversou com Odessa por telefone por um tempo, caminhou por aí até dar o horário de Clarence ir para o trabalho e, então, retornou ao seu apartamento. Fez suas malas e antes de partir, deixou um bilhete em cima da cama.

Tiffany foi bem recebida por Odessa e sua avó logo que chegou em Augusta. Alugou um quarto e tomou café com Odessa, desabafando com a amiga outra vez. Devia ser a sétima vez que elas voltavam ao mesmo assunto, mas Odessa sabia o quanto aquela situação era difícil para Tiffany e que se ela voltava a bater na mesma tecla, era porque queria ter certeza de que agira bem ao abandonar Clarence.

— Tiffany? Ele sabe o quanto você sofreu por causa do Peter, então... Só por isso, ele nem deveria trabalhar para ele e, menos, ainda, vender essa porcaria. — Odessa disse.

— Sim, ele me traiu! Isso, nunca perdorei! — Falou Tiffany.

— Fico feliz que tenha escolhido recomeçar aqui. — Odessa apertou a mão de Tiffany. — Verá como as coisas serão mais fáceis.

— Sim, é o que espero. — Falou Tiffany.

† † †

Clarence esperou que Tiffany voltasse do trabalho para conversarem, mas ela não voltou e ele não pode esperar mais, pois, senão, chegaria atrasado a Neverland.

Clarence, definitivamente, não estava de bom humor aquela noite e acabou sendo grosseiro com alguns clientes, até arranjando confusão com um que foi arrastado para fora da boate pelos guardas, inconsciente.

— Que bicho te mordeu? Está estressado, hoje! — Disse Mabel se aproximando com um sorriso sarcástico.

— Dá um tempo, Mabel! — Clarence disse.

Mabel, ou melhor, “Tinker Bell”, como era conhecida na noite, colocou as mãos na cintura e cheia de pose, disse a Clarence:

— Quer dizer então que o gostosão aqui curte bater em garotas? Só que deu ruim para você, agora.

Clarence limpou o canto da boca que estava sujo de sangue e arqueou uma sobrancelha, encarando a dançarina que, assim, como todas, ali, usava um vestido sexy e asas translúcidas. Só que Mabel não era só mais uma dançarina, era a mulher de Peter.

— O que será que a Tiffany viu em você? — Mabel disse olhando para Clarence com desprezo.

— O Peter quer falar comigo ou não?! Eu não tenho a noite toda! — Falou Clarence, irritado.

— Vem comigo! — Falou Mabel.

Clarence a seguiu até o escritório de Peter, que estava sentado muito à vontade, com os pés em cima de sua estação de trabalho, contando uma maleta de dólares. Estava cercado por alguns de seus capangas, os “meninos perdidos”, que apesar de jovens, eram perigosos.

— Queria falar comigo? — Clarence disse a Peter.

— Querida? Termine isso aqui para mim, por favor? — Peter disse a Mabel enquanto se levantava, entediado.

— É claro. — Mabel sorriu e obedeceu. Ela era louca por Peter e fazia qualquer coisa que ele lhe pedisse sem jamais questionar.

Enquanto Mabel dava prosseguimento a contagem do dinheiro com a ajuda dos Meninos Perdidos, Peter se aproximou de Clarence e o encarou de perto, sorrindo com escárnio.

— Não que eu me importe, mas... Você fez um belo estrago no rostinho da Camila. — Peter disse.

— Aquela vadia mereceu! — Clarence disse, cerrando os punhos com raiva. — Imagine que ela foi até o meu apartamento e, por causa dela, tive problemas com a minha garota?!

— Sei... — Peter deu um risinho. — Por falar nisso, como vai a Tiffany?

— Melhor impossível... — Respondeu Clarence, sorrindo, sarcástico.

— Eu entreguei à Camila a encomenda que VOCÊ deveria ter entregue! — Falou Peter. — Dessa vez, perdooarei seu erro, mas, na próxima... Espero que não haja uma próxima. Entendeu?

— Sim. Entendi. — Falou Clarence sério.

— Se voltar a ter problemas com a Camila ou com quem quer que seja... Resolva, mas não deixe pontas soltas. Odeio pontas soltas! — Falou Peter dando as costas a Clarence. — Pode ir, agora.

Clarence deixou o escritório em silêncio.

∞ ∞ ∞

Ellie não conseguiu pegar no sono, se levantou, vestiu seu robe roxo de seda e pegou o notebook. Voltou para a cama e acessou o Word. Encarou a tela em branco pensando em algo para escrever. Geralmente era em noites de insônia como aquela que ela criava algo, mas havia um bloqueio que a impedia de ir adiante.

— Vamos, Ellie? Pense em algo inspirador... — Disse a si mesma. Mas o que poderia ser inspirador? Tudo a sua volta estava um caos. Irritada, ela escreveu as primeiras linhas da única história que se julgava capaz de escrever naquele momento.

“Era uma vez, uma mulher ferrada que morava em um lugar ferrado e tinha uma droga de vida ferrada, nada de bom acontecia na vida dessa coitada”.

— Oh, não, espera! — Ellie sorriu e leu em voz alta o que escreveu a seguir. — “Ela estava prestes a perder o filho, também, sua carreira porque não sabia mais o que escrever”.

Ellie fechou o notebook e o colocou no canto antes de cair no choro. Quando finalmente adormeceu faltava pouco para o amanhecer e ela sonhou que não estava sozinha, que uma loira estava deitada ao seu lado e a abraçava e as duas riam. Ellie não conseguia ver o rosto dela porque estava de costas para ela, mas podia ver claramente seus longos cabelos louros encostando em seu ombro e seu rosto. Aquela sensação era reconfortante. Ainda, dormindo, Ellie sorriu.

∞ ∞ ∞

Clarence voltou para seu apartamento, exausto, mas ansioso para conversar com Tiffany. Deixaria ela jogar toda a mobília nele, o xingar, o bater, o que ela quisesse... Sabia que ela estava em seu direito, mas esperava que ela entendesse os motivos que o levaram a fazer o que fizera.

Clarence soube que tinha algo errado quando encontrou a fechadura arrombada.

— Tiffany? — Só conseguiu pensar nela naquele instante e irrompeu no apartamento, encontrando tudo quebrado e revirado. Não precisou se perguntar quem faria aquilo porque o autor fez questão de assinar sua obra. Na parede estava pichado o nome de Camila. — Vadia! Miserável!

Clarence correu até o quarto e não encontrou Tiffany em meio a toda aquela bagunça. Tirou o celular do bolso e ligou para ela, mas só caiu na caixa postal.

— Droga! — Clarence deixou uma mensagem para ela. — Tiffany? Por favor? Me liga assim que ouvir essa mensagem. Invadiram o nosso apartamento e preciso saber que você está bem. Por favor, amor?

Ele desligou e olhou ao redor desolado. Talvez, Tiffany tivesse ido para a casa de Macy como já fizera outras vezes quando os dois se desentenderam. Clarence torceu para ser isso.

— Acho bom ela não encontrar isso aqui uma bagunça quando voltar ou vai me matar! — Clarence suspirou, cansado, antes de se levantar.

Quando terminou de limpar e organizar tudo eram quase oito da manhã. Clarence ergueu a cama e recolocou o colchão nela. Pegou os lençóis e os sacudiu, foi quando um papel amassado caiu. Clarence pegou o papel, curioso, e o desamassou. Era um bilhete de Tiffany, que dizia o seguinte:

“Sinto muito, Clarence, mas está tudo acabado, não me procure, adeus”.

Clarence jogou os lençóis longe e, irritado, empurrou a cômoda. Aquilo tudo era culpa de Camila, se ela não tivesse aparecido ali, Tiffany jamais teria descoberto a verdade e, em poucos meses, os dois

estariam casados e longe daquele lugar que só trouxera sofrimento a ambos.

— Agora, você me paga, Camila, eu juro! — Clarence disse.

∞ ∞ ∞

Tiffany manteve seu celular desligado para evitar cair na tentação de falar com Clarence. Ela tinha certeza que ele ligaria sem parar. Se levantou cedo e foi tomar café onde Odessa trabalhava. Pegou os classificados a procura de um trabalho. Viu um, em especial, que lhe chamou a atenção.

— Ei, Odessa? — Tiffany a chamou.

Odessa fez sinal para que ela esperasse e após terminar de servir uma cliente, foi ao seu encontro, debruçando-se de forma sexy na bancada. Tiffany sorriu sem graça e disfarçou. Odessa e ela já haviam se pegado, por isso, Clarence morria de ciúmes daquela amizade, mesmo Tiffany garantindo que não havia mais nada entre elas, a não ser carinho. Na realidade, não era bem assim... E Tiffany pegaria Odessa de novo se tivesse chance, ainda mais se ela continuasse flertando daquele jeito.

— Fala, gata? Sou todinha sua! — Odessa disse.

— Ah, então... — Tiffany disse sem jeito e mostrou o anúncio que havia circulado com a caneta. — O que sabe sobre Ellie Friedman?

— Oh! Mirando alto, gata! — Odessa riu, enrolando a ponta de seu cabelo castanho escuro no dedo. — É uma escritora. Nunca ouviu falar nela, não?

— Não. Tem muitas escritoras. Como vou saber os nomes de todas? — Tiffany deu de ombros.

— Mary Hatfield, você conhece? — Odessa disse a encarando.

— Não. Por que? Deveria? — Tiffany disse.

— E depois dizem que as pessoas da cidade grande é que gostam de ler... — Odessa balançou a cabeça. — Esquece a Mary! Ellie é mais interessante. Não faz muito tempo, ela flagrou o marido a traindo com a babá do filho.

— Nossa! — Tiffany disse.

— Os dois se divorciaram e agora brigam pela guarda do filho, Terry. — Disse Odessa.

— Coitada! Esse marido dela é um infeliz. — Falou Tiffany.

— Se eu fosse ela nunca mais contrataria uma babá, ainda mais uma como você... — Odessa olhou para Tiffany com malícia.

— Credo! Odessa? Eu mal rompi com Clarence. E mesmo que não fosse assim... Jamais tomaria o homem de outra! — Tiffany disse.

— Só que ninguém aqui estava falando de homem. — Odessa disse.

Tiffany encarou Odessa, incrédula e, esta, riu.

— Ah, qual é? A Ellie não faz meu tipo, mas é gostosa, eu admito. — Falou Odessa.

— Você devia ser irmã do Clarence! — Falou Tiffany balançando a cabeça.

— Ia adorar tomar as garotas dele! — Disse Odessa, rindo.

Tiffany terminou seu café, pagou e decidiu ir até a casa de Ellie ver se conseguia a vaga como babá. Levou algum tempo até Tiffany criar coragem e sair do carro.

O que ela estava fazendo? Aquele era um passo importante... E ela estava pronta para deixar Clarence?

“Você pode ser quem quiser, Tiffany, basta decidir”, Clarence lhe dissera uma vez.

Tiffany respirou fundo e tocou a campainha. Esperou por algum tempo e como ninguém veio atendê-la, achou que aquilo fosse um sinal. Se virou, mas quando estava prestes a ir embora, ouviu uma voz feminina e se virou, dando de cara com os mais belos olhos castanhos que já vira na vida.

3. Faça diferente

Ellie despertou de bom humor e teve certeza de que fora por causa do sonho que tivera. Ela não interpretou aquilo como o aviso de que conheceria uma loira maravilhosa, mas como prelúdio de coisas boas, inspiração talvez... Por que não?

“Vou escrever uma nova história”, Ellie pensou, decidida.

Após acompanhar Terry até o ponto de ônibus, Ellie voltou para a casa e pegou seu notebook. Decidiu que dessa vez não escreveria em seu escritório. Precisava tentar escrever em um lugar diferente. Foi até o jardim, mas o canto dos pássaros a distraiu. Voltou para a casa e sentou-se na sala. Se lembrou de quando flagrou Stephen e a babá ali e foi para a cozinha. Finalmente, encontrou a paz que buscava ainda que fosse em um lugar inusitado para escrever.

Não conseguiu escrever, antes, devaneando sobre o seu sonho, sobre a loira que a abraçava... Ah, aquele abraço era tão real!

A campainha tocou, mas Ellie demorou a se mexer, absorta. Quando se levantou, fechou o notebook e suspirou, chateada. Abriu a porta e viu uma loira de vestido branco prestes a ir embora. Não soube porque, mas sentiu um arrepio quando a viu. Só não soube se aquele era um bom ou um mau sinal.

— Pois não? Em que posso ajudá-la? — Ellie disse, sorrindo.

Tiffany engoliu em seco, sentindo borboletas no estômago. Sorriu e disse:

— Oi? Sou Tiffany Snow e, vim pela vaga de babá.

— Oh, por favor? Entre? — Disse Ellie antes de a olhar dos pés a cabeça, a analisando.

— Com licença? — Disse Tiffany antes de entrar.

Ellie encostou a porta e a convidou a ir até a cozinha, onde preparou e serviu um chá para ambas. Aproveitou e ofereceu um pedaço de sua torta de maçã que costumava agradar a todos.

Desde que Tiffany passara pela porta, Ellie se encantara pelo seu jeito e a enchera de perguntas, curiosa. Estranhamente, ela tinha a sensação de que conhecia Tiffany de algum lugar.

— E você é daqui de Augusta mesmo? Nunca a vi por aqui. — Ellie disse.

— Não. Eu vim de Nova Iorque. — Tiffany respondeu.

— Nova Iorque? Uau! — Disse Ellie. — Tem certeza que consegue se acostumar com um lugar tão calmo e sem graça como Augusta?

— Sem graça? — Repetiu Tiffany. — Oh, essa cidade é tudo, menos sem graça.

— Você tem experiência com crianças? — Ellie perguntou.

Alguns flashes invadiram a cabeça de Tiffany, revirando o seu estômago... Um teste de gravidez... Sangue... Muito sangue... Uma dor lancinante... Mais sangue... Escuridão e, então, só lágrimas e mais dor. Ela perdera a chance de ser mãe por causa do maldito vício e nunca se perdoara por isso.

— Sim. — Tiffany mentiu.

— Ótimo. Pode me dar as suas referências? — Ellie disse, sorrindo.

— Referências? — Tiffany repetiu. — Me desculpe? Mas isso foi há tanto tempo.

— Qual foi o seu último emprego? — Ellie perguntou.

— Trabalhei como vendedora em uma loja. Infelizmente, essa é a única referência que posso lhe dar. — Falou Tiffany e entregou seu currículo a Ellie. — Aqui estão todos os dados que julguei necessários. Pode analisá-los com calma e se não encontrar ninguém melhor, não hesite em me chamar. Eu sou solteira e cem por cento disponível... Não tenho problema em dormir no emprego e nem em fazer hora extra.

— Hmm... Interessante, senhorita Snow. — Ellie sorriu.

∞ ∞ ∞

— Solteira e cem por cento disponível? Hmmm... Sua safada! — Odessa disse, maliciosa, quando Tiffany lhe descreveu como fora a

sua entrevista de emprego.

— *Por que você sempre leva tudo para o lado malicioso?* — *Falou Tiffany.*

— *Ah! Para! Tiffany? Isso, com certeza soou malicioso e aposto que sua futura chefe pensou o mesmo.* — *Falou Odessa.*

— *Ela é uma mulher divorciada. Aposto o que quiser que esse foi o único homem na vida dela e que ela nunca teve nenhuma experiência como a nossa.* — *Falou Tiffany abaixando a voz enquanto falava.*

— *Quando quiser repetir, é só me falar...* — *Odessa piscou.*

— *Proposta tentadora, mas prefiro não me arriscar...Frágil como estou, é perigoso me apaixonar.* — *Falou Tiffany.*

— *Oh, que bonitinha. Mas não vejo problema nisso!* — *Falou Odessa tocando o joelho dela.*

— *Eu vejo...* — *Tiffany disse.* — *Nunca mais quero me apaixonar por ninguém.*

Odessa afastou a mão do joelho dela, suspirou e abaixou a cabeça. Tiffany estava prestes a se desculpar, dizendo que não queria magoá-la, que não era nada com ela, quando Odessa a encarou e disse:

— *Eu não acho que não se apaixonar, seja a solução, Tiffany. Você só deve escolher com cuidado a quem entregar o seu coração. Sabe por que até agora ainda não me envolvi seriamente com alguém? Porque não encontrei a pessoa certa. Você só não achou a sua pessoa certa, mas deve continuar procurando.*

— *Será?* — *Tiffany suspirou, pensativa.*

— *Mas é claro.* — *Odessa disse, antes de se levantar e, voltar a servir as mesas.*

∞ ∞ ∞

Ellie entrevistou mais oito mulheres que concorriam a vaga de babá, mas nenhuma delas lhe agradou e, Ellie sabia quem gostaria que ocupasse aquele cargo: Tiffany.

Ligou para o número que Tiffany lhe dera e quem atendeu foi Odessa. Ellie deixou recado.

Tiffany decidiu ligar o celular e quis deletar a mensagem em sua caixa postal antes mesmo de ouvi-la, mas não resistiu. Precisava ouvir a voz de Clarence ao menos mais uma vez.

— Tiffany? Por favor? Me liga assim que ouvir essa mensagem. Invadiram o nosso apartamento e eu preciso saber que você está bem. Por favor, amor? — Disse Clarence na mensagem.

— Droga! — Tiffany ligou para Clarence no mesmo instante.

— Tiffany? — Foi a primeira coisa que ele disse ao atender o celular. — Onde você está?

— Você está bem? — Tiffany perguntou, sentindo um frio na barriga.

— Você está? — Clarence devolveu a pergunta.

Tiffany não respondeu.

— Eu sinto muito. — Clarence disse. — O que fiz... Não foi para te magoar. Eu só queria juntar um dinheiro para darmos o fora daqui e termos uma vida diferente.

— Não importa porque não estamos mais juntos. — Tiffany disse, ressentida.

— Então é assim? Você não me perdoará? — Clarence perguntou, chateado.

— Não. — Tiffany desligou e guardou o celular no bolso de sua jaqueta.

Clarence continuou ligando até Tiffany se irritar e adicioná-lo na lista negra.

As palavras dele dançavam em sua mente...

“Eu só queria juntar um dinheiro... Termos uma vida diferente”. Mesmo as intenções dele sendo as melhores, o que ele fizera fora errado. Muito errado. Droga. O que ele queria, afinal? Terminar atrás das grades? Ou, pior... Morto em um beco? Porque era assim que pessoas como ele terminavam.

Antes...

Quase todos que trabalhavam em Neverland já tinham voltado para casa, exceto Peter e Mabel que se pegavam no escritório dele, Clarence que ajudava Macy a limpar o salão, e Tiffany que estava no camarim sozinha.

— Coitada da Tiffany! — Macy disse enquanto esfregava o chão.

— Por que? — Clarence tentou não demonstrar tanto interesse enquanto limpava as mesas. Já fazia algum tempo que ele estava a fim da nova dançarina mesmo ela sendo encrência na certa.

— Ah, acho que ela é uma moça muito infeliz porque vive buscando uma forma de fugir da realidade. — Falou Macy. De infelicidade, a moça entendia muito bem porque em breve, seria uma mãe solteira, sem ninguém com quem contar.

— Sim, tem de ser muito infeliz para viver como ela vive, sempre se colocando em risco, como se não houvesse amanhã. E a quantidade de drogas que ela consome? Não sei como ela ainda não teve uma overdose. — Falou Clarence.

— Isso não é tudo... — Disse Macy.

Clarence se voltou a ela e esperou que ela contasse o que sabia. Macy coçou a nuca, nervosa, e respondeu:

— Semana passada... Eu fui limpar o camarim e... A encontrei se cortando. Foi horrível! Perguntei se ela precisava de ajuda e... Ela gritou comigo. Fiquei assustada porque ela parecia fora de si, então... Eu deixei ela sozinha e só voltei para limpar o camarim depois.

Clarence se voltou em direção ao camarim, preocupado. Já fazia um tempinho que Tiffany estava lá.

— Tome cuidado, Clarence? — Macy pediu.

Clarence deixou o que estava fazendo e foi até o camarim. Girou a maçaneta com cuidado para não fazer barulho e empurrou devagar a porta. Encontrou Tiffany chorando com a maquiagem borrada enquanto encarava um teste de gravidez e repetia nervosa:

— Isso não pode ser...

Clarence estava prestes a recuar, mas quando puxava a porta, Tiffany o viu.

— O que você quer? Vai embora! Droga! — Tiffany disse com raiva enquanto escondia o teste embaixo de uma frásqueira.

— Me desculpe? — Clarence disse, envergonhado por ter sido pego no flagra. — É só que... Vai demorar a ir embora? Macy precisa limpar o camarim antes de voltar para a casa.

Tiffany riu e respondeu:

— Será que aquela sonsa ainda não percebeu que eu moro aqui!

— Se precisar de um lugar, tenho um quarto que... — Mas antes que Clarence terminasse de falar, foi interrompido por Tiffany.

— Não precisa disso tudo pra transar comigo! — Tiffany disse rindo e balançou a cabeça. — É só me dar algum dinheiro e eu faço o que quiser.

Clarence suspirou e encarou Tiffany com pena. Não era bem daquela forma que ele a desejava. Era loucura, mas ele não queria ser só mais um na vida dela.

— Não precisa me pagar o aluguel agora. Acertamos quando você receber. — Falou Clarence. — Vai precisar de um lugar decente pra ficar quando essa criança nascer.

— E quem disse que quero essa criança? — Tiffany falou com raiva e abaixou a cabeça. — Eu não tive família e... Olha pra mim, agora? Que tipo de mãe você acha que eu seria?

— Você pode ser o que quiser, Tiffany, basta decidir. — Clarence disse. — A Macy também tem todos os motivos do mundo para abrir mão de ser mãe, mas, ainda assim, ela escolheu não abrir, e sabe por que? Porque ela PODE e VAI fazer diferente da mulher que a criou. Você também pode escolher dar a essa criança tudo o que você, infelizmente, não teve. Pense nisso?

Atualmente...

Tiffany voltou para seu quarto e Odessa lhe deu o recado de Ellie. Tiffany ficou feliz com seu novo emprego, especialmente, porque sua nova chefe disse que ela poderia se mudar para lá. Dessa forma, Tiffany juntaria rapidamente uma grana e, mais adiante, quem sabe, poderia alugar um lugar bacana e se mudar.

Após refazer sua mala, foi direto para a casa de Ellie. Infelizmente, chegou em uma péssima hora porque Ellie discutia com o ex marido no jardim.

— Não! Stephen, você não põe mais os pés nessa casa! — Ellie disse.

— Não pode me proibir de ver meu filho! — Falou Stephen. — Eu tenho os meus direitos!

— Enquanto não trouxer uma ordem assinada por um juiz, não se aproximará do Terry e ponto! — Falou Ellie.

— Você sabe que dessa forma, só complica as coisas para si mesma, não sabe?! — Stephen disse.

— O Terry não quer falar com você! — Disse Ellie. — O que quer que eu faça? Que eu o obrigue? É isso?

— Talvez, se você não enchesse a cabeça dele com suas besteiras... — Falou Stephen.

Tiffany deu graças a deus por ainda não ter descido de seu carro e se agachou. Estava escuro e, com um pouco de sorte, nem Ellie nem seu ex notariam o veículo estacionado há certa distância e, se notassem, Tiffany poderia, simplesmente, enfrentar aquilo, afinal, não era sua culpa que os dois estivessem gritando feito loucos.

— Minhas besteiras? — Ellie repetiu antes de dar com vontade uma bofetada na face esquerda de Stephen.

Stephen se aproximou furioso de Ellie, que se manteve firme onde estava. Nesse instante, a porta atrás dela se abriu e por ela, passou Terry, que encarou Stephen.

— Terry? — Stephen recuou sem jeito.

— O que está fazendo aqui? Eu não quero mais te ver. Nunca mais. Você nos trocou por aquela mulher! E eu nunca vou te perdoar por isso! — Terry disse prestes a chorar.

— Terry... Se me deixar explicar... As coisas não são como imagina. — Stephen disse.

— Como imagino? — Terry disse, pegando a mão de Ellie. — Só que não imagino nada porque vi!

Ellie olhou para Terry e se conteve para não demonstrar o quanto se emocionava por ter o apoio do filho.

— Eu amo você, Terry! — Stephen se agachou para encarar melhor o menino a sua frente.

— Verdade? — Terry perguntou, sério.

— Eu juro. — Stephen disse.

— *Então, prove!* — Terry exigiu.

— *Como?* — Stephen disse, disposto a tudo.

— *Vai embora! Nos deixe em paz! Não precisamos de você, aqui!*

— *Terry disse.*

Stephen virou o rosto, chateado, antes de se levantar. Nesse instante, o carro do xerife estacionou em frente a propriedade de Friedman.

— *Qual a necessidade disso?* — Stephen perguntou a Ellie. Ela apenas sorriu, triunfante, embora, se sentisse um caco por dentro.

O xerife se aproximou. Stephen e ele discutiram, e o xerife o convenceu a ir embora, ameaçando prendê-lo.

Tiffany achou melhor dar uma volta, antes de ser notada. Retornaria mais tarde quando as coisas esfriassem. Ela não percebeu que enquanto partia, Ellie se deu conta de sua presença e ficou envergonhada por ter protagonizado aquele drama.

O xerife perguntou se Ellie estava bem e quando ela respondeu que sim, ele se despediu e foi embora. Ellie e Terry permaneceram firmes.

— *Ninguém vai tirá-lo de mim, Terry, eu juro.* — *Falou Ellie.*

4. Enfim, a inspiração

Tiffany se aproximou da porta da casa de Ellie e levantou a mão cerrada, mas, antes de bater à porta, esta se abriu, revelando uma Ellie sorridente. Ela parecia bem para quem passara por uma situação difícil na noite passada.

— Bom-dia? — Tiffany sorriu, sem jeito.

— Parabéns! A vaga é sua! — Ellie anunciou, se voltando para o interior da casa. — Terry? Rápido, ou vai se atrasar, querido!

Terry veio correndo e parou, encarando Tiffany. Ellie escancarou a porta, deu um beijo no rosto de Terry e disse-lhe:

— Essa é Tiffany, sua nova babá.

— Mas já sou grande, mãe! Não preciso de babá! — Terry tentou argumentar.

— Mas Tiffany precisa ser babá de alguém, então, que tal ser bonzinho e deixar ela fazer o seu trabalho? — Falou Ellie.

— Está certo. — Terry suspirou e se voltou a Tiffany. — Oi? Tiffany? Sou Terry!

— Oi, Terry. Prazer? — Tiffany disse, sorrindo.

— Vamos? Eu te mostro o caminho até o ponto de ônibus. — Terry disse, indo na frente.

— Obrigada pela chance. — Tiffany disse a Ellie, antes de ir.

Ellie apenas sorriu, antes de fechar a porta e voltar para a cozinha.

Tiffany acompanhou Terry até o ponto, e ele a encheu de perguntas, porque era um menino curioso. Tiffany não se sentiu muito à vontade respondendo a tantas perguntas, mas se esforçou para demonstrar o contrário. Quando o ônibus de Terry chegou, ele disse a Tiffany, a hora em que ela deveria vir buscá-lo, e foi para o colégio.

“Até agora, fácil”, Tiffany digitou e enviou a Odessa.

“Conseguiu a vaga?”, Odessa perguntou.

Tiffany respondeu com um emoji sorridente.

“E vai pedir um autógrafo para mim, né?”, Odessa disse.

Tiffany revirou os olhos, rindo e voltou para a casa de Ellie e, após, elas acertarem alguns detalhes, Tiffany trouxe suas coisas e se instalou em seu novo quarto.

Nos dias seguintes, Tiffany percebeu que aquele trabalho podia ser solitário demais sem a presença de Terry, porque Ellie mal conversava, e não era porque ela era uma esnobe que detestava falar com seus empregados. Ellie evitava todos, seu ex, sua mãe, seu editor, suas amigas. Tiffany, já, estava, até, ficando criativa em inventar desculpas a cada vez que tinha de atender o telefone e mentir que Ellie não estava ali.

— Não estou para ninguém, Tiffany. A menos que seja alguém do colégio do Terry, estou de férias em Boca Raton, ou comprando café na esquina. Entendeu? Fique à vontade para inventar a desculpa que quiser. — Ellie disse.

— Tudo bem. — Tiffany disse.

∞ ∞ ∞

Qualquer coisa que Ellie escrevesse, não lhe agradava. No entanto, ela não desistia. Passava horas escrevendo algo, só para depois, ler e deletar, e foi assim por um tempo, até ela ter uma conversa com sua mãe, que lhe deu um conselho:

— Romance e Fantasia são difíceis mesmo. Por que não tenta escrever algo mais realista?

— Tipo o quê? A biografia de um serial killer? — Ellie disse e fez Hermínia rir.

— Se quiser... Mas não acha que escrever sobre uma pessoa menos insana seria melhor? Alguém, cuja vida, sirva de exemplo de superação. — Hermínia disse, referindo-se a si mesma.

— Só que não consigo pensar em ninguém, assim. — Ellie disse.

— Quer dizer, então, que não te inspiro nenhum pouco? — Hermínia riu, sem graça.

— Boa tentativa, mãe, mas se as pessoas conhecerem a sua história, talvez, deixem de admirá-la. — Falou Ellie.

— Tudo bem. Ninguém admira mesmo. — Hermínia disse. — Mas, e que tal, autobiografia?

— Sim, mãe. Por que não contar para o mundo todo que flagrei meu ex marido transando com uma mulher mais jovem? — Ellie disse, amarga.

Ela não poderia escrever uma autobiografia. Não suportaria. Mas achou que escrever sobre outra pessoa, poderia ser interessante.

Ellie foi até a janela do quarto e viu Tiffany e Terry, brincando e rindo. Tinha alguma coisa em Tiffany que a tornava fascinante, irresistível. Talvez, Ellie estivesse ficando louca, mas sentia algum prazer em seus curtos encontros com Tiffany, quando elas trocavam poucas palavras, quase sempre sobre Terry.

Embora Tiffany fosse doce e tivesse um sorriso contagiante, havia uma tristeza profunda em seu olhar. O que seria? Qual seria a história de Tiffany, a nova iorquina, que viera para o Maine ser a babá do filho de uma escritora? O que a fazia sorrir, ou chorar? O que a assustava? Ela traíra alguém, ou fora traída? Ellie decidiu que conheceria as cicatrizes dela. Caminhou de volta a sua escrivaninha, e digitou o título provisório de sua nova obra – obra, esta, que ela esperava que fosse adiante. “As cicatrizes da princesa cisne”.

5.Pressionada

Era uma vez, uma princesinha, com cabelos dourados como os raios solares, olhos verdes como esmeraldas, e um sorriso contagiante. Ela era a alegria do reino, que ficava entre as montanhas, sempre encobertas pela neve. Já, há muito tempo, o reino sofria com a maldição de uma bruxa má, mas não perdia a esperança de, um dia, ver as coisas voltarem ao normal.

A princesa tinha como companhia, dois cisnes mágicos. Um deles cantava unicamente para a princesa, com uma voz tão doce e melodiosa como a de uma donzela; e o outro, podia aquecer imediatamente a princesinha, se ela o tocasse, além de sempre lhe tornar sábia, caso, se sentasse em seu colo. Tendo conhecimento disso, muitas pessoas procuravam a princesa para lhe pedir conselhos, e ela as recebia prontamente, sempre disposta a ajudar.

Muitas pessoas, por diversão, curiosidade, ou mesmo, ambição, pediram a princesa para segurar o cisne, e ainda que o rei tenha negado a primeira vez, a princesa garantiu ao pai que não haveria problema naquele ato, mas ninguém que segurou o cisne, jamais conseguiu se igualar à sabedoria da pequena. Então, logo, se convenceram de que o cisne não era mágico coisa alguma, a princesa o era, mas usava o cisne para que ninguém percebesse a verdadeira fonte.

∞ ∞ ∞

Ellie mordeu o lábio, e aproximou o indicador do botão delete... Aquele seria o primeiro conto de fadas decente que ela escrevia, e era incrível como ele fluía, sem que ela precisasse se esforçar para escrevê-lo. Estava encantada, mas, também, assustada.

Aquilo era inspiração e, ela sabia que se não aproveitasse ao máximo, a perderia porque a inspiração era uma amante caprichosa, que não admitia ser negligenciada. Se Ellie avançasse, não poderia

retroceder, independente do que acontecesse. Teria de respirar aquela história todos os dias, mesmo quando não pudesse escrevê-la, alimentar sua imaginação, porque seria difícil retomá-la se parasse. Ela poderia assumir esse compromisso, mesmo com uma vida conturbada?

— Dane-se. — Ellie salvou o texto em vez de deletá-lo, deliberada, que nem Stephen, e suas ameaças a impediriam de fazer o que mais gostava, escrever.

∞ ∞ ∞

Tiffany despertou sobressaltada por causa de um pesadelo que tivera, e abraçou os joelhos, chorando. Por mais que tentasse não pensar em Clarence e em sua traição, não conseguia porque ainda sofria com isso. Eles foram perfeitos juntos, não foram? Apesar das brigas por ciúmes, da paranoia dela, da possessão dele, foram felizes, não foram? Bem, ela já não tinha certeza. Era difícil julgar uma relação sendo parte dela.

Clarence sempre a tratara bem, mas somente quando ela fora, nas próprias palavras dele, “uma boa garota”. Ele tolerava toda a histeria e paranoia dela, até admitia escândalos públicos, mas lhe tirava do sério, Tiffany insinuar, deixá-lo ou traí-lo. Ele conseguia ser mais ciumento que ela, e era nessas horas, quando acreditava estar a ponto de perdê-la que ele se descontrolava.

Uma vez, os dois brigaram feio e Tiffany decidiu se vingar, fazendo ciúmes para ele enquanto dançava com outro cara. Clarence se conteve o máximo que pode, até fingiu indiferença, enquanto engatava um assunto com Macy, mas a gota d' água foi quando o homem puxou Tiffany para se sentar em seu colo. Clarence se esqueceu de que aquele era o seu lugar de trabalho, e foi até onde Tiffany estava e a agarrou pelo braço, a puxando para longe do homem.

Tiffany se desequilibrou e caiu no chão. Clarence não se importou. Arrebentou a cara do sujeito que mal pode se defender, visto que Clarence era mais forte e já liderara uma gangue. Tiffany se levantou e gritou com Clarence, mas ele só parou de bater no homem

quando dois garotos perdidos o agarraram e o afastaram. Clarence se soltou e agarrou Tiffany pelo braço, a arrastando para fora da Neverland. Ela protestou, e ele lhe deu uma bofetada. Foi a primeira vez que ele lhe bateu e ela ficou atônita. Ele a levou de volta ao apartamento onde viviam, a levou até o quarto e a jogou na cama, antes de ir para a sala, encher a cara.

Tiffany tentou se matar, cortando os pulsos, mas Clarence, como se fosse o demônio, insistiu em entrar no banheiro, mesmo quando ela pediu pra ele ir embora.

Ele arrebentou a porta e se assustou quando a encontrou na banheira cheia de água, tingida com seu sangue. A tirou dali, imediatamente, e conseguiu cuidar de seus ferimentos. Prometeu a Tiffany que nunca mais bateria nela e disse-lhe que se ela tivesse morrido, ele teria dado um tiro em sua própria cabeça porque não suportaria viver sem ela. Tiffany acreditou nele e o perdoou.

Ele nunca mais ousou bater nela e, até permitiu que ela lhe batesse sempre que quisesse, mas Tiffany sabia que ele não lhe bateria porque a mataria. Sim. Ele a mataria se ela o deixasse. Ele só a salvara porque precisava dela, porque sabia que ela era alguém emocionalmente frágil e totalmente dependente de seu amor, o que era muito para alguém como ele, que não tivera nada de bom na vida.

∞ ∞ ∞

Ellie decidiu ir até o quarto de Terry para se certificar de que o menino dormia bem, mas enquanto caminhava pelo corredor, ouviu Tiffany chorando. Pensou em bater à porta, mas percebeu que ela estava entreaberta, então, espiou o quarto, e ao ver Tiffany encolhida como uma criança, sentiu vontade de consolá-la, mas conteve-se, lembrando-se que o que quer que se passasse com Tiffany não era de sua conta. Não poderia simplesmente invadir sua privacidade. Não tinha esse direito. Tiffany era apenas a sua empregada, embora, Ellie sentisse que, na verdade, Tiffany fosse mais que isso.

Com um esforço quase sobre-humano, Ellie voltou ao seu quarto, tomou um comprimido e se deitou, fechando os olhos. Adormeceu,

tão, logo, o remédio fez efeito, e seus sonhos foram figurados pela mesma pessoa, Tiffany. As duas deitadas na mesma cama. Um fecho de luz atrapalhando sua visão, provocando a ilusão de que os raios solares se fundiram aos cabelos de Tiffany. Ela sorria e seu sorriso contagiava Ellie.

“Isso é real?”, Ellie perguntou, aproximando sua mão da face de Tiffany.

“Tão real quanto quiser que seja”, Tiffany respondeu e encostou seus lábios nos dela, a beijando suavemente.

∞ ∞ ∞

Tiffany fez companhia a Terry até ele entrar no ônibus e, depois, em vez de voltar para a casa, foi caminhar um pouco pela cidade.

∞ ∞ ∞

Odessa estava nervosa porque Clarence não parava de lhe ligar, insistindo em saber qualquer coisa de Tiffany. Por conta disso, acabou maltratando dois clientes e tomando uma bela bronca de sua avó. Irritada, saiu um pouco para caminhar, e parou em uma praça, sentando-se em um banco e fumando. O maldito celular voltou a tocar e Odessa se conteve para não atirá-lo longe.

— Droga! Clarence? O que você quer? Não sou sua namorada! E honestamente? Se fosse, já teria te matado porque você é muito grudento! — Odessa vociferou.

— Não desligue, por favor? Eu só quero saber se a Tiffany está bem. — Clarence pediu. — Você sabe que não estou preocupado à toa, que Tiffany não lida bem com certas coisas e temo que ela se machuque, ou pior...

— Eu falo com ela todos os dias, e posso te garantir que ela não vai se matar por causa de um babaca como você! — Odessa disse.

— Ela está aí em Augusta, não está? — Clarence disse, seguro disso.

— Já disse que não, mas se quiser vir até aqui e ver com seus próprios olhos, esteja à vontade. Só pare de me perturbar. Por favor?

Não me force a mudar o número do meu celular? — Odessa disse, antes de desligar.

∞ ∞ ∞

— Sim, ela está lá. Eu sinto. — Clarence disse. — Para onde mais iria se não conhece ninguém, além da Odessa? — Clarence sorriu.

6. Confissões

Ellie foi até a janela pela sétima vez e mordeu o lábio, nervosa. Por que Tiffany estava demorando tanto? Será que o ônibus de Terry atrasara? Ellie pegou o celular e ligou para o colégio do filho só para confirmar que ele chegara em segurança.

“Que estranho, ela sempre volta para a casa depois de deixar o Terry no ponto”, Ellie pensou, estranhando e se lembrou de quando a viu chorando de madrugada. Era óbvio que Tiffany estava com problemas e se ela pudesse ajudá-la, ajudaria. Ellie pegou sua bolsa e suas chaves, e saiu, apressada.

∞ ∞ ∞

Tiffany parou em frente a uma vitrine e encarou um livro que sabia que havia sido escrito por Ellie. Os detalhes na capa lhe chamaram a atenção e ela pensou seriamente em adquirir um exemplar quando seu telefone tocou. Ela o pegou no bolso de sua jaqueta e o atendeu. Era Odessa e ela pediu para as duas se encontrarem na praça porque precisavam falar de algo sério. Tiffany sabia que Odessa tendia a exagerar, por isso, não foi imediatamente ao encontro dela, entrando na livraria e comprando o livro de Ellie.

— Uma chance... — Tiffany leu o título em um sussurro. Uma chance era tudo o que ela precisava para conhecer o significado da verdadeira felicidade.

∞ ∞ ∞

Odessa flertava com uma mulher quando Tiffany chegou. A mulher era mais jovem e um tanto ingênua, pois, não se dava conta das verdadeiras intenções de Odessa, que parecia uma loba ansiosa por devorá-la.

— Ah, mas você jura mesmo que nunca posou para nenhuma revista, docinho? Uma moça tão bonita... Até parece uma princesa!
— Odessa sorriu, maliciosa e mordeu o lábio.

A moça riu, corada.

— Não. Imagine... Princesa? Eu?

— Lucille! — Uma mulher com traços asiáticos, veio correndo e visivelmente irritada. — Por que não me esperou? Droga!

A primeira mulher, com traços angelicais, Lucille, se voltou a outra, e disse-lhe:

— Não se preocupe comigo, Misake! Sou perfeitamente capaz de cuidar de mim mesma!

— Sim, estou vendo! — Misake encarou Odessa.

Tiffany sabia que já era hora de intervir e se aproximou.

— Ah, aí está você, querida! Vim o mais rápido que pude! — Tiffany abraçou a cintura de Odessa e lhe deu um beijo no rosto.

Lucille mordeu o lábio e fez cara de cãozinho sem dono. Odessa sorriu e piscou para ela, a fazendo sorrir no mesmo instante. Misake bufou. Agarrou Lucille pelo braço e a arrastou para longe, mesmo sob os protestos da mesma.

— Eu te ligo! — Odessa elevou a voz para que Lucille a ouvisse.

— Obrigada por me deixar com fama de corna. — Tiffany recuou, exibindo um sorriso forçado.

— Não pedi pra me defender. — Odessa disse.

Tiffany levantou as mãos, a sacola do livro enroscada no braço. Odessa se sentou no banco e acendeu um cigarro. Ofereceu a Tiffany, mas esta recusou, mesmo sentindo vontade de dar uma tragada.

— Ok. — Odessa deu uma tragada, soltou a fumaça e suspirou.
— Clarence tem me enchido o saco, ultimamente, e... Sinto que ele pode vir até Augusta atrás de você.

— O que? Você disse que eu estava aqui? — Tiffany inquiriu, nervosa.

— Claro que não, mas ele é esperto. Droga. Acha mesmo que ele não consideraria a sua vinda para cá? — Odessa disse

— Que merda. Eu não quero vê-lo. Nunca mais. Não depois do que ele fez. — Tiffany disse.

— Se quiser, posso dizer a ele que nós estamos juntas. Ele não duvidaria. — Odessa disse.

— Ele mataria você, Odessa. — Tiffany disse.

Odessa deu de ombros.

— É sério. O Clarence é muito possessivo. — Tiffany disse.

— Eu acabaria com ele, assim... — Odessa estalou os dedos. — Aquele desgraçado. Filho da mãe. Na real, Tiffany? Como você pode preferir ele a mim?

— Foi um erro, mas... Por que isso, agora? Pensei que tudo estivesse claro entre nós. — Tiffany disse.

Odessa abaixou e balançou a cabeça, contrariada.

— Você acha, é? — Odessa a encarou. — Por que acha que sempre tentei te afastar dele?

— E aquele papo de não querer se apegar? — Tiffany disse, não tão surpresa.

Odessa riu.

— Eu sabia que se me declarasse, você se afastaria, porque sempre estive empenhada em ser fiel ao Clarence, ainda que ele não fosse.

— E aquela garota de agora pouco? — Tiffany disse.

— Não significa nada para mim. — Odessa pegou as mãos dela e aproximou o seu rosto do dela. — É você que eu quero, Tiffany.

Ellie dirigia quando viu a cena e diminuiu a velocidade, parando a alguns metros. Abaixou o vidro do carro e encarou Tiffany, incrédula. Seria possível que ela caísse na lábia daquela garçonne sedutora?

— Sinto muito, Odessa, mas não posso. — Tiffany disse e recou, se levantando.

— Tiffany? Espere? Por favor? — Odessa pediu, mas Tiffany não voltou.

Ellie sorriu e ergueu o vidro da janela, antes de colocar o carro em movimento outra vez. Ellie voltou para a casa, mas não encontrou Tiffany. Bateu o punho cerrado no corrimão da escada, até que uma ideia lhe ocorreu e a fez recuperar o bom humor instantaneamente.

Como Ellie previra, Tiffany só voltou algumas horas depois com Terry. Ellie abraçou o menino e disse que havia pensado no pedido

que ele havia feito há algum tempo e que, hoje, finalmente, daria permissão para que ele dormisse na casa de um de seus amigos.

— O que a fez mudar de ideia, mãe? — Perguntou Terry, desconfiado.

— Nada em especial. Não era o que queria? — Ellie disse, sentindo o olhar de Tiffany nela.

— Sim, mãe. Mas não quero te deixar sozinha. — Terry disse.

— E quem disse que estarei sozinha? — Ellie se voltou a Tiffany, sorrindo.

Terry encarou Tiffany e disse-lhe:

— Por favor? Cuide bem dela? Não deixe que ninguém a faça chorar? — Terry abaixou a cabeça e foi correndo para o quarto.

Ellie e Tiffany se encararam e sorriram.

Terry arrumou as suas coisas e Tiffany o levou até o endereço que Ellie lhe deu. Quando Tiffany voltou, ouviu uma música vinda da cozinha e sentiu um cheiro de assado. Curiosa, foi até lá e encontrou Ellie cozinhando. Ela estava muito bonita, certamente, estava cozinhando para algum pretendente. Claro, por isso, se livrara tão repentinamente de Terry.

— Ah, com licença? — Tiffany disse, sem graça, atraindo a atenção de Ellie. — Só vim avisar que já levei o Terry e... Bem... Estou indo para o meu quarto, agora.

— Não. Por favor? Fique? — Ellie pediu.

Tiffany arqueou uma sobrancelha, confusa.

— Pensei que pudesse me fazer companhia... — Ellie disse.

— Eu não quero atrapalhar. — Tiffany disse.

Ellie riu.

— Atrapalhar o quê?

— Hmm.... Seu encontro? — Tiffany disse.

— Não tem encontro nenhum. Imagina? — Ellie disse com raiva de si mesma por ter dado na cara o que aquilo era.

— Estou vestida assim porque ia em um restaurante, mas no último instante, decidi ficar em casa e cozinhar algo. Gostaria de jantar comigo?

— Oh, sendo assim... Claro. — Tiffany se aproximou. — Precisa de ajuda com alguma coisa?

— Não se incomode. — Ellie pegou duas taças no armário e uma garrafa de vinho na geladeira. Abriu a garrafa e serviu um pouco da bebida para Tiffany e ela.

— Obrigada. — Tiffany sabia que deveria ficar longe do álcool, mas depois do episódio com Odessa e da possibilidade de Clarence vir atrás dela, não tinha condições de lidar com a situação, se não estivesse bêbada.

As duas conversaram sobre coisas fúteis e aleatórias, admiradas com a capacidade que possuíam em falar tanta besteira e evitar o que realmente as incomodava. O jantar foi tranquilo e saboroso.

Ellie acabou se sentindo à vontade com Tiffany e falou o que a perturbava, a possibilidade de perder a tutela de Terry, seu medo de nunca mais conseguir escrever algo decente, e o receio de ser traída novamente, caso confiasse em alguém.

— Você é uma mulher incrível, Ellie, e uma mãe maravilhosa. Qualquer um que diga o contrário, não a conhece o suficiente. Sério? Eu te admiro e, ao mesmo tempo te invejo porque você tem alguém a quem se agarrar, o Terry. Pode fracassar no que for, menos com ele. Quem dera eu tivesse algo assim. — Tiffany, sorriu, emocionada.

— Obrigada. — Ellie colocou a sua mão na de Tiffany.

— Eu tive um bebê, uma vez... — Tiffany falou, olhando para a própria barriga. — Mas, infelizmente, ele não... Não nasceu.

— Eu sinto muito. — Ellie disse, sinceramente.

— Foi melhor assim. Eu não seria uma boa mãe. Tenho certeza.

— Falou Tiffany e verteu o líquido de sua taça.

— Eu não acho. Acredito que, um dia, você terá outra chance. — Ellie disse.

— Não. — Tiffany disse. — O médico foi bem claro... Eu não posso mais ter filhos.

— Você pode adotar. Eu adotei o Terry! — Ellie disse.

Tiffany encarou Ellie, mas não disse nada.

— Eu acredito que tudo na vida tem um porquê, não estou dizendo que... Tudo bem ter perdido o seu filho, mas passamos tanto tempo lamentando, quando, se parássemos para pensar, temos mais motivos para sorrir que chorar. — Ellie se levantou e retirou os pratos, trazendo a sobremesa a seguir.

Tiffany, absorta, só se deu conta de que a sobremesa estava posta quando Ellie anunciou:

— É minha receita especial, espero que goste.

Torta de maçã. Tiffany sorriu e provou o primeiro pedaço.

— Hmm... Deliciosa.

Ellie sorriu.

7. Felicidade em doses

Foram necessárias mais algumas taças de vinho para que Tiffany esquecesse suas dores e se soltasse um pouco. Embora, Ellie começasse a se questionar se agia corretamente ao continuar servindo mais álcool a ela, não podia negar que gostava de ver Tiffany sorrindo e falando pelos cotovelos. Ellie queria saber absolutamente tudo sobre Tiffany, seus medos, sonhos, arrependimentos, etc... E Tiffany estava falando. Em um momento ou outro, parava, chateada, mas, então, tomava mais vinho e voltava a falar sobre si mesma.

O que Ellie descobriu, afinal, a surpreendeu e a comoveu. Tiffany era uma órfã, que desde cedo, mais perdeu que ganhou qualquer coisa. Traída pelo namorado, passou algum tempo na prisão e quando saiu, arranhou emprego em uma boate. Não fora sua primeira opção, mas com todas as portas fechadas, não lhe restaram alternativas. Peter, o dono da boate, a achou bonita, mas, ainda assim, só não a colocou como uma simples garçonete porque uma de suas melhores dançarinas se demitiu, então, ele pediu que Mabel a treinasse e, ela, assim o fez. No final, Tiffany recebeu o uniforme: um vestido branco, decotado e curto demais, além de asas translúcidas.

“Bem vinda a Neverland, fadinha”, Mabel sorriu, maliciosa.

Tiffany, logo, descobriu que, de encantado, aquele lugar não tinha nada, e fedia a álcool, drogas e sexo. Peter era terrível e tinha um interesse incomum por meninos, que eram vistos uma única vez com ele, antes de desaparecerem. Ninguém tinha certeza se ele era um perverso, ou se extraia os órgãos das crianças para depois vendê-los no mercado negro. Tiffany questionou um dos capangas de Peter, uma vez e este, apenas encarou a barriga dela e disse-lhe que, ela não deveria se meter nos negócios do chefe se não quisesse perder nada, Tiffany entendeu o recado, recuando, assustada, com as mãos na barriga. Fazia pouco tempo que ela descobrira sobre a sua gravidez e, embora, considerasse tirar a criança, não significava que

gostaria de vê-la sendo levada por Peter, pois, com certeza, seria pior que a morte.

Tiffany alugou um apartamento no único lugar que seu dinheiro pode pagar, um bairro decadente, e deixou o motel onde vivia, com intenção de juntar um dinheiro e viver mais confortavelmente, mas logo, se deu conta, da pior forma, que fora uma péssima ideia deixar o motel, pois invadiram seu apartamento e levaram todas as coisas de valores que encontraram.

Tiffany, ainda, tentou reforçar a segurança, trocando a fechadura e acrescentando grades nas janelas, mas isso não deteu os criminosos de agirem novamente. Então, Tiffany desistiu. Juntou suas coisas em uma mala e passou a viver no camarim. Se viciou em álcool e depois em drogas. Peter não demorou a saber de seus vícios e lhe chamou em sua sala. Tiffany pensou que ele fosse lhe demitir, mas ele, simplesmente, lhe entregou um pouco de pó em um saquinho transparente.

“Experimente esse pó? Garanto que é melhor que a porcaria que você tem consumido”, Peter disse, sorrindo, “a partir de hoje, sou seu único fornecedor”. Peter alargou ainda mais o sorriso. “De qualquer forma, você não poderia comprar de um morto, certo?”.

Tiffany pegou o saquinho, nervosa.

“Já sabe se é menino ou menina?”, Peter perguntou, encarando a barriga de Tiffany.

“Não importa porque essa criança não vai nascer”, Tiffany respondeu, irritada, “quanto te devo por isso?”, ela exibiu o saquinho.

Peter deu de ombros, e respondeu:

“Considere como uma amostra grátis”.

“Obrigada”, Tiffany disse, antes de deixar a sala.

Depois de uma crise, Tiffany foi convidada por Clarence a viver com ele. Ela não aceitou de imediato, desconfiada, mas, depois que aceitou, por mais de uma vez, insistiu em pagar Clarence de outra forma, quando não tinha dinheiro suficiente, mas ele recusou todas as vezes, dizendo que esperaria. Não foi fácil, mas com paciência e insistência, Clarence conseguiu convencer Tiffany de que não a via como os homens de Neverland a viam, e eles se tornaram amigos. Foi

nessa mesma época que Tiffany conheceu Odessa, que se tornou garçonne na Neverland.

As duas, se tornaram amigas coloridas. Tiffany era rebelde e livre, tudo o que mais atraía Odessa, que queria provar a todos em sua cidadezinha, que conseguia sobreviver sem a proteção de sua avó.

Odessa não recuou quando soube que Tiffany estava grávida e até tentou convencê-la a ficar com o bebê. As duas se divertiram muito e Tiffany abusou das drogas, o que acabou provocando o aborto. Tiffany sofreu quando perdeu a criança porque, por mais que dissesse que não a queria, a medida que a gestação avançava, gostava da atenção que recebia de Odessa e Clarence e, também, secretamente, fazia planos para quando o bebê nascesse, mas havia uma diferença entre pensar e realizar, Tiffany apenas pensou e não realizou.

Odessa e Clarence lhe deram todo o seu apoio.

Tiffany conversou seriamente com Odessa, disse-lhe que ela era sortuda por ter uma avó que se importava com ela e que deveria valorizar isso. Odessa a ouviu, pediu demissão e voltou para Augusta, mas as duas mantiveram contato.

Restou a Clarence, a difícil missão de curar o coração partido de Tiffany. Não foi fácil, mas ele conseguiu, ao menos, tentou, e os dois iniciaram uma relação, onde Tiffany era, praticamente, dependente emocionalmente de Clarence. Tudo terminou depois que Tiffany descobriu que Clarence estava vendendo drogas. Ela teria tolerado qualquer coisa, exceto aquilo que tirou o melhor dela.

— Oh, Tiffany. — Ellie apertou a mão dela, demonstrando compreensão.

— Entende agora por que esse trabalho é tão importante para mim? É o meu recomeço. — Tiffany disse.

— Sim, entendo. — Ellie disse. — E não quero que fique triste, então, por que não saímos um pouco? Não é sempre que tenho um tempo livre durante a noite por causa do Terry.

Ellie levou Tiffany até um pub. As duas continuaram bebendo e conversando, dessa vez, coisas menos tristes. Tiffany sentiu vontade de dançar e convidou Ellie.

— Ah, eu... Não sei se ainda me lembro de como é dançar. Já faz algum tempo. — Ellie brincou.

— Imagine? Dançar é como andar de bicicleta... Você toma uns tombos, cai, mas segue adiante. — Tiffany disse.

Ellie riu e dançou com ela. Algumas pessoas encararam e sussurraram umas para as outras, o que deixou Ellie um pouco incomodada.

— Tiffany? — Ellie sussurrou no ouvido dela.

— Sim? — Tiffany virou o rosto, encarando Ellie. Seu rosto estava tentadoramente próximo. Ellie prendeu a respiração por um instante, até soltar o ar.

— As pessoas estão olhando. — Ellie sussurrou sem graça.

— É claro que estão! Você é Ellie Friedman! — Tiffany disse.

— Hmm... Sim, sou. — Ellie disse e riu. — Você já bebeu o suficiente, Tiffany.

— Não. Shhh... — Tiffany colocou o indicador nos lábios de Ellie. — Sem proibições essa noite, por favor? Só hoje?

Ellie assentiu, movendo a cabeça.

As duas voltaram para a casa um pouco antes do amanhecer, se apoiando uma na outra e rindo à toa. Tiffany levou Ellie até o banheiro e a ajudou se despir e entrar no chuveiro. Ellie tomou banho e, depois, se enxugou e vestiu seu pijama. Estava um pouco tonta, por isso, Tiffany a acompanhou até o quarto.

— Ah, que vergonha. O trabalho que estou te dando... Era para você ser babá apenas do Terry. — Ellie disse.

— Imagine... Isso não é trabalho algum. Nos divertimos muito essa noite. — Tiffany disse e quando ia recuar, se desequilibrou e caiu na cama ao lado de Ellie. Ellie riu e Tiffany também não pode conter-se.

Os primeiros raios solares atravessavam a janela e se confundiam com os cabelos de Tiffany, exatamente como no sonho de Ellie.

— Estou sonhando? — Ela disse, confusa.

Tiffany sorriu, fazendo com que Ellie sorrisse de volta para ela. Tiffany afastou uma mecha do cabelo de Ellie e disse:

—Talvez....

Ellie fechou os olhos e se deixou adormecer.

8. Perseguidas

Ellie despertou sobressaltada ao ouvir a campainha tocar com insistência, seguida de batidas desesperadas. Se levantou, depressa. Vestiu seu robe e calçou as pantufas. Então, deixou o quarto e foi atender a porta. Mal a abriu e deu de cara com Stephen. Ele estava furioso e exibiu um jornal, onde Tiffany e ela apareciam dançando juntas no pub.

— O que significa isso? — Stephen perguntou.

— Não te devo explicações! — Ellie quis fechar a porta, mas Stephen a empurrou, irrompendo no saguão. — O que é isso? Ficou louco? Fora, ou eu chamo a polícia!

— Não. Quem ficou louca foi você, se prestando a esse tipo de espetáculo com a babá do nosso filho. — Stephen disse.

— Você não é o único que se dá bem com as babás, querido. — Falou Ellie sorrindo com ódio.

— Está fazendo isso para me atingir? — Stephen disse e se aproximou dela. — Eu sabia que ainda me amava. Por que não esquecemos o que houve e recomeçamos? Ainda podemos ser uma família como antes. — Falou Stephen e beijou Ellie.

Ela o empurrou, lhe deu uma bofetada e limpou os próprios lábios, enojada.

— Vai embora ou vou chamar a polícia, e pedir uma ordem de restrição contra você! — Ameaçou.

— Está cavando a sua própria cova! — Stephen disse, antes de ir.

Ellie fechou a porta com uma forte batida e foi até o quarto de Tiffany. Ela não estava mais na cama. Ellie chamou por ela, antes de dar uma olhada no banheiro e, então, voltou para o quarto e se trocou para ir buscar Terry. Temia que Stephen soubesse o menino estava e fosse buscá-lo. Stephen poderia afastá-la de Terry, levando-o para longe. Ellie descia as escadas, nervosa, quando ouviu a porta se abrindo.

— Mãe? — Terry disse, ao voltar com Tiffany.

— Terry? — Ellie veio e o abraçou forte.

— Mãe? Tudo bem? — Terry perguntou.

— Sim, sim. — Ellie respondeu, disfarçando rapidamente, e recou. — Só senti saudade. Você sabe... Não gosto de ficar muito tempo longe de você.

— Estou aqui, agora e estou faminto. Os bolinhos que o pai do meu amigo fez, não são muito apetitosos. — Terry disse e fez uma careta.

— Por que não saímos para comer algo? — Ellie sugeriu e se voltou a Tiffany.

— Ou eu posso preparar algo? — Tiffany disse.

— Você sabe cozinhar, Tiffany? — Terry perguntou, surpreso.

— Sim, por que o espanto? — Tiffany disse.

Terry deu de ombros, rindo. Não achava que Tiffany era uma boa cozinheira, simplesmente porque não conseguia imaginá-la usando um avental e recheando cupcakes. Ellie, sim, levava mais jeito na hora de cozinhar.

— Eu vou adorar vê-la cozinhando, Tiffany, mas em uma outra hora, quem sabe... De maneira alguma vou sobrecarregar você. Vamos ao DuFour Café. — Tiffany decretou.

Tiffany não se sentiu confortável tendo de almoçar justamente onde Odessa trabalhava. Embora, tenha sido a avó dela a atender a sua mesa e não Odessa, isso não fez com que Tiffany se sentisse menos-mal, porque Odessa, a encarava do balcão, com um olhar inquisitório. Tiffany entendeu porque, quando Odessa abriu um jornal, em cuja manchete principal, Ellie e ela apareciam dançando no pub, noite passada. Tiffany cutucou Ellie e discretamente chamou a atenção dela para um exemplar do jornal que estava na mesa. Ellie pegou o celular e enviou uma mensagem para Tiffany.

“Eu sei, Stephen veio em casa hoje, tirar satisfação comigo”.

Tiffany leu a mensagem e encarou Ellie, antes de lhe enviar uma resposta:

“Sinto muito, juro que não quis te causar problemas”.

Ellie balançou a cabeça, e respondeu:

“Eu não me arrependo de nada. Faria de novo se pudesse”.

Ellie e Tiffany se encararam por um tempo. A avó de Odessa veio e os serviu. Eles comiam, quando mais um cliente chegou.

— Bom dia? Gostaria de um café bem forte sem açúcar. — O homem disse a avó de Odessa.

— Sim. Sente-se? — Ela disse.

O homem se sentou de frente ao balcão.

— Ainda tem quartos disponíveis na pousada? — O homem perguntou a avó de Odessa.

— Infelizmente, não. Mas tem um hotel aqui perto. — Ela respondeu.

Odessa abaixou um pouco o jornal, o suficiente para que apenas seus olhos ficassem visíveis e quando reconheceu o homem ao seu lado, soltou um palavrão, atraindo a atenção de alguns clientes.

— Odessa DuFour! Olhe essa boca, garota! Tem crianças, aqui! — Sua avó disse.

— Foi mal. — Odessa disse, abaixando o jornal e encarando Clarence como se ele fosse um fantasma.

Clarence sorriu.

— Olá, Odessa? Há quanto tempo!

— CLARENCE! — Odessa elevou a voz só para que Tiffany a ouvisse.

Tiffany a ouviu e, ao ver Clarence, se levantou, apressada.

— Eu já volto. — Tiffany correu para o banheiro.

Ellie não entendeu o que aconteceu e decidiu ir atrás de Tiffany, dizendo a Terry que já voltava.

— Você veio mesmo?! Uau! — Odessa disse. — Pena que seja uma perda de tempo porque não vai encontrar o que está procurando, aqui.

— É mesmo?! — Clarence apanhou o jornal que Odessa deixou sobre o balcão e bateu com o indicador na imagem de Tiffany, sorrindo, triunfante. — Pois, acho que já encontrei.

Odessa engoliu a seco, desviou o olhar e mordeu o lábio, nervosa.

Ellie entrou no banheiro, bem a tempo de flagrar Tiffany prestes a fugir pela janela.

— Tiffany? O que está acontecendo?

Tiffany recuou e encarou Ellie.

— É o Clarence, meu ex... Está aqui, e não quero que me veja.

— Se você fugir agora, fugirá sempre. — Ellie disse.

— Ótimo. Eu sou boa nisso. — Tiffany se voltou novamente à janela.

— Do que você tem medo? Ainda gosta dele? — Ellie inquiriu.

Tiffany a encarou.

— Tem medo que ele a convença a voltar com ele? — Ellie continuou.

— Não sei. Só... Tenho medo. — Tiffany disse.

— Eu também sinto medo do Stephen, e você pode argumentar que é diferente, mas não é. É fácil se prender ao que nos é cômodo, porque é assustador tentar trilhar um novo caminho de repente, mas tente se lembrar, em primeiro lugar, o que a fez se desviar de seu caminho, antes seguro? — Ellie disse.

Tiffany avançou em direção à Ellie e parou, quando próxima.

— Tem razão. Me sinto estúpida, agora.

— Vamos? — Ellie estendeu a mão a Tiffany.

Tiffany pegou a mão de Ellie e munida de coragem, voltou com ela, mas Clarence já não estava mais ali. Ellie pediu para embalarem o que estavam comendo porque terminariam a refeição em casa.

— Tiffany? Ele já sabe, ele viu o jornal. — Odessa disse a ela.

Tiffany engoliu a seco, nervosa.

Ellie, Tiffany e Terry deixaram o DuFour e entraram no carro de Ellie, voltando para casa. Quando desceram, Terry foi na frente. Ellie notou que Tiffany parecia paranoica, olhando para todo canto.

— Venha, Tiffany? Ninguém nos seguiu. — Ellie disse, encostando um braço nos ombros dela, e a conduzindo para a casa. No entanto, Tiffany não era a única com mania de perseguição, Ellie suspeitava que Stephen pagara um detetive para segui-la.

Assim que as duas entraram, um veículo preto se aproximou e abaixou o vidro. “Então, é aqui onde você vive?”, Clarence pensou, observando a casa de Ellie.

9. Derretendo o gelo de seu coração

Não havia sensação mais desconfortável que aquela, de ser abordada a qualquer instante por ELE. Um misto de ódio e dor preenchia Tiffany e ela não sabia por quanto tempo mais suportaria aquela situação, mas estava deliberada. Não permitiria que Clarence a ludibriasse novamente.

— Sabe, Tiffany? — Terry disse, apertando a mão dela. — Mamãe e você podem confiar em mim. Eu não sou estúpido só porque sou criança. Eu posso entender... Por que não me conta o que te deixou assim?

Tiffany encarou o menino. Estavam a caminho do ponto de ônibus.

— Estou fugindo de um homem mau. — Tiffany disse.

— Como a mamãe. — Terry disse, e Tiffany confirmou, balançando a cabeça. — E como é esse homem, além de mau, claro?

— Pense nele como... Um pirata... Hmm... Tipo o Gancho da história de Peter Pan. — Tiffany disse.

— Tão mau assim? Uau! — Terry disse.

— Mas não estou com medo porque sou uma guerreira valente e estou pronta para acabar com esse pirata idiota. — Tiffany disse, fazendo graça, só para não preocupar o menino

— Sem contar com a minha mãe que é uma poderosa feiticeira. Você sabia? — Terry disse em sua ingenuidade infantil.

— Oh, jura? Hmm... Obrigada por me avisar, dessa forma, nunca vou irritar ela. — Tiffany sorriu.

— Acho que ela não machucaria você, nem se quisesse, porque você nos salvará da tristeza que o papai deixou quando fez aquela coisa feia. — Terry refletiu sobre suas palavras e antes que Tiffany dissesse algo, ele sorriu e a surpreendeu, dizendo — Seria a primeira vez que uma princesa salva uma rainha? Seria engraçado ver os príncipes sendo ignorados nesse conto.

— *Príncipes não são encantados. De forma alguma. Com exceção de um...* — *Tiffany deu um beijo na bochecha do menino quando chegaram ao ponto.* — *Você é o único príncipe que me interessa, agora.*

— *Prometo não desapontar você.* — *Terry disse, feliz.*

Logo, o ônibus veio e Terry se foi. Tiffany se virou, caminhando, radiante. Estava encantada porque Terry, mesmo sendo tão jovem, conseguia animá-la e tinha uma forma interessante de ver as coisas. Ele estava certo, seria interessante se, ao menos uma vez, a princesa salvasse a rainha, ou ambas se salvassem. Por que não?

∞ ∞ ∞

A inspiração fluía tão naturalmente que Ellie se sentia parte do mundo ao qual dava vida:

Quando a bruxa má soube dos cisnes mágicos da princesa, decidiu que se apossaria de sua magia. Por isso, se disfarçou como uma donzela de aparência angelical e foi até o castelo quando o povo consultava a princesa nos jardins. Se aproximou dela e, gentilmente, pediu para segurar os cisnes. A princesa permitiu. A bruxa se aproximou dos cisnes e eles se agitaram nervosos, sentindo a aura sombria do demônio encoberto.

— *Oh, sinto muito. Eles, normalmente são tão dóceis. Não sei porque estão assim.* — *A princesa disse.*

— *Não importa. Não preciso mesmo deles, vivos.* — *Disse a bruxa se revelando, e moveu as mãos rapidamente, se valendo de sua magia para torcer os pescoços dos cisnes.*

A princesa recuou, com um grito. As pessoas comuns fugiram, desesperadas, e os guardas vieram rapidamente. Mas a bruxa era muito poderosa e transformou os guardas em borboletas que se dispersaram, confusas. A bruxa se agachou em frente aos cisnes e arrancou seus corações, os devorando a seguir. Sorriu, esperando sentir a magia preencher seu corpo, mas nada aconteceu. Inconformada, tomou o sangue dos cisnes, mas não houve mudança alguma.

— Seu monstro! — Disse a princesa, chorando por seus adoráveis cisnes.

Os pais da princesa vieram correndo, mas a bruxa os paralisou, antes que se aproximassem, se voltou a princesa e exigiu que ela lhe ensinasse a ativar a magia dos cisnes, e então, pouparia o rei e a rainha, mas a princesa não fazia ideia de como poderia dar a bruxa o que ela queria. Tentou convencê-la de que os cisnes só tinham poder quando vivos, mas a bruxa não entendeu, ou não quis aceitar e matou a rainha.

— Vou lhe dar só mais uma chance, menina, então, não brinque comigo. — A bruxa disse, mas a princesa insistiu que não sabia, e implorou a bruxa que poupasse o rei, mas a bruxa o matou, e como se não fosse o bastante, lançou uma maldição no reino. — Seu reino deixará de existir, pois será encoberto pela neve e pelo gelo. Ninguém fugirá daqui. E ninguém, jamais ouvirá falar de você, princesinha. E, porque me negaste a magia de seus cisnes, morrerá como eles.

A bruxa partiu, transformando a princesa em um cisne, e o frio triplicou, congelando os moradores do reino, que se transformaram em estátuas de gelo.

∞ ∞ ∞

— Que cruel! — Tiffany disse, quase matando Ellie do coração, ao surpreendê-la daquela forma.

— Droga! Tiffany? O que é isso? Está tentando provocar um infarto? — Ellie disse, se virando, com a mão no coração.

— Até parece.... — Tiffany revirou os olhos, rindo. — Não seria um infarte que derrubaria uma mulher forte como você.

Ellie ruborizou e ajeitou uma mecha de seu cabelo negro atrás da orelha.

— Por que disse que minha história era cruel? — Ellie inquiriu, mudando de assunto.

— Porque sim. — Tiffany disse.

— A vida é cruel. Pelo menos, as histórias tem final feliz, podem não ser perfeitos, mas pelo menos, tem um final. — Ellie disse, amarga.

— Desculpe? Eu não quis ser intrometida. — Tiffany virou o rosto e mordeu o lábio.

Ellie se levantou e Tiffany a encarou. Ellie conseguiu sentir a respiração dela porque estavam próximas.

— É um pouco tarde para isso... Para se desculpar. — Ellie disse, séria.

Tiffany ficou visivelmente nervosa, e Ellie riu, tombando a cabeça para trás. Tiffany arqueou uma sobrancelha, confusa.

— Estou brincando com você, boba! — Ellie riu.

Tiffany riu, balançando a cabeça.

— Eu mereço por ter te assustado a pouco. — Tiffany disse.

As duas foram para a sala e conversaram. Depois, foram para a cozinha e Tiffany insistiu em cozinhar para Ellie, que se divertiu com aquilo, porque Tiffany era tão atrapalhada.

Ellie fazia caras e bocas sempre que Tiffany esquecia ou confundia algum Ingrediente. Tiffany ria, nervosa e dizia que sabia, que só a estava tentando. Ellie sorria, sarcástica e dizia que era óbvio. Ellie até quis ajudá-la, mas Tiffany era teimosa e não aceitou ajuda. No final, o filé de peixe com almôndegas de ricota e arroz primavera pareceram apetitosos, mas Ellie estava certa de que o sabor não a agradaria, no entanto, agradou.

— E então? — Tiffany perguntou, ansiosa.

Ellie fez suspense, se divertindo com a expressão no rosto de Tiffany, e não resistiu, rindo.

— Delicioso! — Ellie disse. — Sério? Eu adorei, Tiffany.

— Que bom. Fiquei com medo de que você não aprovasse. — Tiffany disse. — Não cozinho tão bem quanto você.

— Ah, bobagem! — Ellie disse. — Você é boa, para mim. — Ellie sorriu, e Tiffany achou ter detectado um pinga de malícia na forma como ela disse.

Tiffany sorriu e falou:

— Isso é porque você ainda não conheceu todo o meu potencial, as coisas incríveis que sei fazer.

Ellie riu, detectando o flerte, e disse:

— Hmm.... Quando quiser me mostrar... Estou à disposição. — A morena piscou.

Tiffany sentiu seu coração se encher com um sentimento novo e ao mesmo tempo velho, amor. Pela primeira vez, em tempos, ela se sentiu viva de verdade, e o sol voltou a brilhar com força, pondo fim ao inverno que congelara a sua alma.

10. A decisão mais importante

Stephen estava prestes a sair de casa quando deu de cara com um estranho ao abrir a porta.

— Pois não? — Stephen disse.

— Senhor Garner? Acho que temos muito o que conversar. — Disse o estranho. — A propósito... Sou Clarence Crawford. — Ele sorriu.

∞ ∞ ∞

Ellie se encontrou com o Sr. Dwayne para tratar de dois assuntos importantes, o primeiro, para anunciar a chegada de um novo romance e, o segundo, para que ele conseguisse uma ordem de restrição contra Stephen.

— Eu fico feliz que tenha decidido retomar a sua carreira como escritora, e quero dizer-lhe que pode contar comigo como agente literário e, também, como advogado. Sou o melhor no que faço, e você sabe. Mas espero que se lembre que meus métodos não são convencionais. Eu não jogo limpo. — Dwayne disse.

— Ótimo, porque cansei de jogar limpo. Conheço o Stephen e sei que ele fará o que for preciso para ganhar essa batalha. Não posso deixar que ele vença. — Ellie disse.

— É claro... — Dwayne sorriu, malicioso.

— Tem mais... — Ellie disse, entregando um papel com um nome escrito. — Preciso que investigue para mim sobre esse homem, quem ele é, o que quer... Não. Eu sei o que ele quer. Só descubra tudo o que puder, qualquer coisa que possa ser usada contra ele.

— Entendi. Vou incluir isso nos meus honorários. — Dwayne disse.

— Oh, Dwayne! Por favor? Não me trate como se eu fosse o tipo de pessoa que não paga o que deve. — Ellie disse.

— *Eu nunca disse isso. — Dwayne disfarçou. — Cuidarei disso. Não se preocupe?*

— *Espero que sim. — Ellie disse e se levantou, mas, antes de ir, apoiou as mãos na mesa, se inclinando para encarar Dwayne. — Você pode começar falando com Odessa DuFour. Ela conhece o infeliz.*

∞ ∞ ∞

Ellie foi até a casa de sua mãe, pedir-lhe um conselho, já, que não tinha com quem falar sobre o que lhe incomodava tanto.

— *Você já amou alguém, alguma vez, mãe? — Ellie inquiriu.*

— *Oh, querida, eu amava o seu pai! — Hermínia disse.*

— *Ah, mamãe! Nós duas sabemos que não é verdade. — Ellie disse. — Mas você deve ter amado alguém...*

— *Não. O amor é uma tolice. Uma fraqueza. — Hermínia disse, fria.*

— *Eu não acredito em você! — Ellie disse.*

— *Mas, por que isso, agora? E não me diga que está reconsiderando voltar para o Stephen, porque, eu...*

— *Não é nada disso. — Ellie interrompeu a mãe. — Estou gostando de outra pessoa, mas é tão diferente...*

— *Diferente? Como? — Perguntou Hermínia.*

— *Diferente e ponto. — Ellie deu de ombros, deixando claro que não daria mais detalhes. — Estou quase certa que ela...*

— *Ela? — Hermínia arqueou uma sobrancelha.*

— *A pessoa... — Ellie disse, nervosa. — Também gosta de mim, e me sinto feliz e completa ao seu lado. Mas não sei o que fazer, porque se eu ceder a esse amor, todos vão me julgar, inclusive o Stephen.*

— *Ah, e você se importa com o que esse infeliz, covarde, pense a seu respeito?! — Hermínia disse.*

— *Isso pode influenciar o juiz na hora de decidir a quem entregar a tutela de Terry. — Ellie disse.*

— *Não, se você arruinasse a imagem de Stephen, primeiro, mas não importa o quanto Dwayne e eu falemos, você insiste em ser boazinha, ainda que isso te prejudique. Mas, vou te falar uma coisa,*

querida, a vida é cruel e não se importa em tirar o melhor de você. Felizmente, você pode decidir se será o verme infeliz, ou aquele que o esmaga. — Hermínia tocou os ombros da filha. — Você não precisa escolher entre o seu filho e ELA, a tal pessoa misteriosa.... — Hermínia sorriu como se soubesse exatamente a quem Ellie se referira. — Pode ter os dois. Além do mais, Stephen é um sujeitinho cheio de podres. Não será difícil desenterrar um.

∞ ∞ ∞

Tiffany foi até o DuFour e pediu para conversar com Odessa. As duas saíram para dar uma volta enquanto conversavam.

— Como vai, Tiffany? — Odessa perguntou, sem graça, com as mãos nos bolsos de sua jaqueta.

— Vou bem, e você? — Tiffany sorriu.

— Então... — Odessa achou melhor mudar de assunto. — Um homem me fez algumas perguntas sobre o Clarence, hoje.

— Um policial? — Tiffany perguntou.

— Não. Um advogado... O advogado da Ellie. Óbvio que ele não me disse que estava representando ela, mas...

— Entendi. — Tiffany disse, indiferente. — Depois do que contei a Ellie, é natural que ela tema que Clarence ponha em risco a segurança do Terry, ou a minha, ou a dela. — Tiffany suspirou com raiva. — Você não o viu novamente, viu?

— Não. — Odessa respondeu.

— Ótimo. — Tiffany disse.

∞ ∞ ∞

Tiffany foi até o supermercado e depois à papelaria. Clarence a seguia a certa distância, tomando cuidado para que ela não notasse a sua presença, quando, por um mísero minuto em que ele se distraiu, a perdeu de vista.

— Droga! — Clarence praguejou, e acelerou os passos, dobrando uma esquina. Quando passava por um beco, Tiffany saltou à sua frente, o surpreendendo.

— Por que está me seguindo? — Ela perguntou, aproximando um canivete suíço do pescoço dele.

Clarence encarou o canivete com desprezo e recuou, sorrindo com escárnio, enquanto levantava as mãos.

— Cuidado, ou pode se ferir com isso, amor? — Ele disse

— Não brinque comigo! — Tiffany disse. — O que você ainda quer de mim? Nós terminamos e, dessa vez, é definitivo.

— Eu já ouvi isso, antes. — Clarence abaixou as mãos.

— Dessa vez é diferente, estou gostando de outra pessoa. — Tiffany falou, abaixando o canivete.

— A coroa rica? — Clarence balançou a cabeça, rindo. — Eu não sei como me sinto a respeito. Jurava que estava de rolo com a Odessa.

— Sei... E você veio até aqui, munido de um discurso machista para me convencer de que uma mulher não pode fazer a outra feliz? Que precisa de um homem pra isso? — Tiffany disse, ressentida.

— Não ponha palavras na minha boca. — Clarence disse, sério. — Eu não ligo se quiser me trocar pela Odessa ou pela coroa... Sério? Só queria esclarecer as coisas entre nós. Você vive dizendo que sou imaturo, mas foi você quem fugiu, se recusando a conversar comigo. Acho que depois de todo o tempo que passamos juntos, mereço ao menos, a chance de me explicar.

— Só isso? É só o que você quer de mim? Conversar? — Tiffany perguntou.

— Podemos? — Ele pediu.

Os dois foram até a praça e se sentaram em um canto, afastados dos demais.

— Você me odeia porque quebrei a promessa que te fiz, de nunca me envolver nos negócios sujos do Peter, mas tente entender? Era a única forma de te afastar daquele lugar, de te dar uma vida melhor. Eu queria comprar uma casa onde viveríamos felizes e... Veríamos os nossos pirralhos crescerem em segurança. — Clarence parecia sincero, mas Tiffany já não confiava nele. Não como antes. — Eu posso largar tudo se me pedir. Posso fazer diferente.

— Já ouvi isso. — Ela devolveu.

— Você a ama? A ama como amou a mim? — Ele perguntou.

Tiffany o encarou.

— Ou, só está se agarrando à chance de ter a família que nunca teve? Foi o menino, não foi? Ficou por ele? — Clarence disse. — Ainda podemos formar nossa própria família.

— Você sabe que não posso. — Tiffany disse, chateada.

— Podemos adotar. — Clarence disse.

— É, claro.... — Tiffany riu, balançando a cabeça. — Belos pais seríamos... O traficante e a viciada... Parece até romance de quinta.

Clarence abaixou a cabeça, absorto. Tiffany esperou que ele gritasse como nas outras vezes, ou que tentasse persuadi-la através da paixão, mas surpreendentemente, ele estava mais preocupado que revoltado quando a encarou.

— Não pensei que um grande amor acabasse assim, mas devo ser o culpado, afinal. — Ele disse.

— É, sim, você é. — Tiffany disse. — Seu comportamento estúpido colocou um fim ao nosso amor.

— Você errou tantas vezes e eu sempre te dei uma chance... Não mereço uma, também? — Clarence disse.

— Eu não sei. Nem tudo o que quebra, tem conserto. — Tiffany disse. — O meu coração já foi partido tantas vezes, que ainda não consegui remendá-lo.

— Eu sei. Eu sinto tanto. Ainda que não acredite em nada do que digo. — Clarence disse e tocou o rosto dela, aproximando-o do seu. — Eu vou embora para sempre se é isso o que você quer, mas te peço, por favor? Pense em nós dois e tudo o que vivemos, com carinho? Então, se ainda acreditar em nós, me encontre nesse mesmo lugar, amanhã, depois de levar o menino para o colégio. Se não vier, entenderei e partirei sem olhar para trás.

Tiffany assentiu, movendo a cabeça.

Assim que ela se foi, Clarence fez uma ligação.

— Está tudo certo para amanhã? Ótimo. Só queria confirmar.

∞ ∞ ∞

Tiffany ficou indecisa sobre o que fazer. De um lado, tinha Ellie, por quem ela sentia algo bonito e verdadeiro, sem loucura ou obsessão. E, por outro lado, tinha Clarence, por quem ela ainda

sentia ao menos uma forte atração. Sua lógica lhe dizia que ele estava mentindo, que cedo ou tarde, daria outra mancada porque ele era um ímã que atraía confusão.

O que quer que ela escolhesse, teria de lidar com as consequências. Assumir seu amor por Ellie, colocaria a escritora em risco, pois, só daria motivos para Stephen tramar contra ela. Não era errado ser homossexual na América, mas sempre haveria pessoas de mente limitada e conservadora, se Ellie, por azar, fosse julgada por alguém assim, facilmente, perderia a guarda de Terry. Que direito Tiffany tinha de separar uma mãe de seu filho?

Na manhã seguinte, Tiffany ponderou seriamente após deixar Terry no ponto e deliberada, dirigiu até a praça. O tempo todo, tentou afastar Terry e Ellie de seus pensamentos, mas, sem se dar conta, chorava. Parou a alguns metros e viu Clarence sentado no banco, esperando por ela. Tiffany respirou fundo e se forçou a caminhar em direção a Clarence, ele notou a presença dela e se levantou, sorrindo e acenando para ela.

“Não seria legal se ao menos uma vez, a princesa salvasse a rainha?”, Tiffany se lembrou do que Terry dissera.

Na noite passada, quando Tiffany flagrara Ellie escrevendo, lhe perguntara:

“Como termina essa história, afinal?”.

“Ah, você gosta de spoilers?”, Ellie sorriu. “Não é óbvio? Com um final feliz, onde a princesa salva a rainha que a acolheu e a rainha a liberta de sua maldição”, Ellie respondeu, “Não existe força maior que o amor, ou existe?”.

Não. Não existia. Tiffany sabia agora.

— Sinto muito. Eu não posso. — Tiffany disse, antes de se virar e correr de volta para seu carro.

— Não. Tiffany? Espere? — Pediu Clarence indo atrás dela, mas não conseguiu detê-la a tempo. — Droga! Você não pode ir! — Clarence correu até seu carro, decidido a ir atrás de Tiffany.

11. Conclusões

Antes...

— *Queremos a mesma coisa, Stephen... Nossas mulheres de volta. Não vejo porque não podemos nos ajudar.* — Clarence disse, sorrindo, antes de tomar sua dose de uísque em um só gole.

— *Sim, só que quero a Ellie morta, já que, viva, ela não me serve de nada.* — Stephen disse.

— *Sim, entendo.* — Clarence disse, sério.

— *Se estiver interessado, posso te pagar bem para que... Você sabe? Algum acidente horrível e lamentável aconteça.* — Stephen sorriu, maldoso. — *Seria sua chance de recomeçar com sua garota, longe desse fim de mundo. O que me diz?*

— *Eu não posso fazer o serviço.* — Clarence disse.

— *Oh, que pena.* — Stephen disse.

— *Mas conheço alguém que pode. Infelizmente, ele não é barato, mas é de confiança.* — Falou Clarence.

— *Ótimo.* — Stephen sorriu.

Atualmente...

Ellie estava sentada na poltrona com o notebook no colo. Acabara de finalizar sua história e enviara uma cópia do original para Dwayne, e outra para Hermínia, esperando que eles julgassem sua obra com sinceridade. Eles eram excelentes avaliadores porque nem enalteciam seu ego, nem criticavam sem apontar as falhas. Não. Se Dwayne achasse algo ruim no enredo, diria o que exatamente era e como poderia ser resolvido. Já, Hermínia, prestaria a atenção ao estilo literário, na falta ou excesso de detalhes, etc. Então, ainda que doesse, às vezes, ouvir que sua história era fraca, valia a pena conhecer o motivo, em vez de um simples “que péssimo”, como alguns leitores insensíveis costumavam resenhar certos contos, seus.

Muitos desses “críticos” não eram autores ou sequer aspirantes, então, obviamente, não tinham mesmo condições de julgar uma obra como um crítico de verdade, faria. Por isso, antes de se estressar com qualquer pessoa que dizia que sua obra era ruim ou cópia de algo que ela NUNCA nem ouvira falar na vida, ela preferia se estressar com a crítica de gente que entendia do assunto, como Dwayne ou Hermínia, que sempre faziam críticas construtivas.

Após se livrar da tensão de enviar seu original, Ellie fechou o notebook e o colocou em cima da mesa de centro, se servindo com outra xícara de café. Estava frio e o café lhe ajudava a se manter aquecida. O aquecedor de sua casa já estava com defeito a alguns dias e ninguém competente se dera ao trabalho de responder ao seu anúncio no jornal. Talvez, se ela não tivesse perdido o número do último rapaz que fizera o reparo... Um sujeito mau humorado e bêbado, assustador. Como era mesmo o nome dele? John, talvez? Mas de que adiantava lembrar o nome dele, se não soubesse onde encontrá-lo?

Estranho como, depois que ela se separara de Stephen, todas as pessoas que conhecia, se afastaram dela, ou fora ela que se isolara de tudo e todos que a lembrassem dele?

Ellie se lembrou de Tiffany e, de repente, se sentiu sozinha naquela casa enorme. O medo a envolveu com força. Sentiu que algo ruim vinha ao seu encontro. Onde estava Tiffany? Por que demorava tanto para voltar aquela manhã? Tiffany agira estranhamente noite passada... Parecera aérea, triste, nervosa. Com certeza, por causa de Clarence. Pela forma como Tiffany se referia a ele, Ellie tinha a impressão de que Tiffany ainda o amava, lá no fundo... Apesar de todas as coisas ruins que ele a fizera passar.

Ellie se chateou com a possibilidade de Tiffany retornar a Clarence. Seria sua culpa, porque ela fora devagar e não declarara a Tiffany, seus sentimentos. Mas, por outro lado, ela só quis curtir ao máximo cada flerte, porque nunca fizera isso com Stephen. O relacionamento dos dois fora intenso e rápido demais. Logo, a chama inicial se apagou, porque o amor não foi cultivado, e relações baseadas somente em paixão, estão fadadas ao fracasso.

O som de vidro se estilhaçando na cozinha, atraiu imediatamente a atenção de Ellie, tirando-a de seus pensamentos. Ela se levantou para ver se fora Tiffany que entrara pelos fundos, aquela bobinha, desastrada, adorava passar pela cozinha e comer uma maçã. Ellie riu, balançando a cabeça. O seu celular tocou sobre a mesinha de centro. Hermínia.

— Ah, mãe! Sério? — Ellie bufou e apanhou o celular, o atendendo, sem se dar conta de que alguém se aproximava sorrateiramente. — Sim, mãe? Estou ouvindo. Não me diga que já leu o original que te enviei? E o que achou? Sinceramente?

— Eu gostaria de conhecer o seu adorável cisne. — Hermínia riu. — O que? Preciso agradecê-la pessoalmente por te fazer sorrir novamente.

— Ah, mãe! — Ellie riu, sem graça. — É só uma história!

— Eu admito que cometi muitos erros, querida, que atrapalhei sua felicidade, outras vezes, mas... Não farei isso, novamente. Eu juro que só quero que minha filha seja feliz. Acredite em mim? Lute por sua princesa cisne e seja feliz, e se alguém ousar te julgar por isso, mande pro inferno. — Hermínia disse.

— Obrigada, mãe. — Ellie disse, emocionada, mas, antes que pudesse dizer qualquer coisa, sentiu uma lâmina fria encostar em seu pescoço, enquanto um braço forte agarrava a sua cintura.

— Se tentar alguma coisa, eu mato você. — Ele sussurrou no ouvido dela. — Agora se despeça da mamãe? Sem gracinhas.

Ellie engoliu a seco. No fundo, sempre temera por aquilo, que Stephen mandasse alguém para matá-la, pois, dessa forma, ele ficaria com Terry e toda a sua fortuna. Pelo menos, ele tivera a decência de esperar que o menino fosse para o colégio. Bem, já que terminaria daquela forma, Ellie pensou que, talvez, fosse bom que Tiffany tivesse ido embora com Clarence, afinal, ela não merecia ter de lidar com outra perda.

— Mãe? Eu te ligo depois, o Dwayne acabou de chegar. — Falou Ellie.

Hermínia encarou Dwayne, que estava sentado à sua frente, lendo em seu celular, o original de Ellie. Dwayne não era muito de visitar ninguém, especialmente, Ellie, então, Hermínia e ela sempre

brincavam que o Apocalipse estaria próximo quando Dwayne visitasse uma delas sem que fosse por algo relacionado a trabalho.

— Não esqueça de dar um beijo nele por mim, se não ele se magoará. Você sabe, Dwayne é um homem sensível. — Hermínia disse e viu Dwayne encará-la imediatamente, irritado.

— Claro mãe, eu sei, Dwayne é um amor de pessoa. Até mais. — Ellie desligou. Suspirou, nervosa e se levantou.

∞ ∞ ∞

— Problemas? — Dwayne disse, imaginando que sim.

— Sim. — Hermínia disse, saindo, apressada.

∞ ∞ ∞

Ellie tentou manter a calma, apesar de sua vida estar por um fio.

— Foi o Stephen que te enviou? — Ela perguntou ao homem que a mantinha refém. — Olha? Eu posso pagar o triplo do que ele te pagou se me deixar viver.

— Tentadora essa oferta, madame. — Ele disse e a arrastou até o sofá, onde a jogou.

Ellie se virou devagar e pode ver melhor o bandido que Stephen contratara para lhe matar. Um rapazola, com pinta de mau. Sério? Stephen devia estar desesperado para pagar a um menino para fazer o serviço de um homem.

— Não devia julgar as pessoas por sua aparência. — Ele disse, com ódio, ao notar o olhar de desprezo dela. — Mesmo sendo jovem, já ceifei mais vidas que o próprio demônio. — Ele sorriu, convencido. — Você é azarada, sabia? Seu marido...

— EX Marido... — Ellie o corrigiu, com ódio.

O rapazola riu.

— Isso... Seu ex marido encomendou a sua morte só para ficar com tudo isso... — Ele girou sua faca enquanto gesticulava, se referindo a propriedade e seus bens. — O engraçado nessa história é que o ex de sua “amiguinha”... Se posso chamá-la assim, é que me indicou ao seu... Ex. — O rapaz riu, se divertindo. — Como o bom

profissional que sou, fiz minha própria investigação, e que família linda, você tem!

— O que você quer? Vá direto ao ponto! — Ellie pediu, nervosa.

— De fato, você possui mais dinheiro que o Stephen e, seria interessante inverter o jogo, matando ele para você, mas, então, me lembrei que... Não sou movido por dinheiro. Tenho mais do que preciso. Só faço certas coisas por diversão. Então, pensei com meus botões... E se eu matasse os dois e pegasse a minha recompensa, algo que não faria falta a ninguém... Algo, pequeno assim? — Ele sorriu, levantando a mão e a posicionando no ar, dando a medida quase exata de Terry. — Eu adoro crianças, sério.

— Você não vai tocar meu filho! — Ellie disse, munida de coragem, e se levantou, apanhando a mesinha de centro e a arremessando na direção do rapaz. Ele não conseguiu se desviar a tempo e foi atingido, ferindo-se levemente, mas o suficiente para se enfurecer.

— Ah, eu vou matar você, assim como matei o seu ex amorzinho. Vou retalhar sua pele, vadia! — Ele disse, a perseguindo.

Ellie conseguiu alcançar a porta, mas, assim que tocou a maçaneta, o seu perseguidor a alcançou, agarrou seu cabelo e bateu sua cabeça na porta, desmaiando-a.

— Ellie? — Tiffany a chamou ao passar pela porta da cozinha.

— Eba! A Tiffany voltou para brincar com a gente! — Ele disse, soltando Ellie e indo ao encontro de Tiffany.

12. Viva ou morra pelo amor

Tiffany notou que havia algo errado quando passou pela porta da cozinha e reparou que o vidro da janela acima da pia estava quebrado próximo ao trinco. Preocupada, chamou por Ellie e como não obteve uma resposta, caminhou apressada em direção ao corredor, mas assim que deixou a cozinha, sentiu algo pesado atingir sua cabeça, e caiu. Se virou, e mesmo tonta, conseguiu identificar seu agressor, que a encarava, inexpressivo.

— Peter?!

Tiffany só recobrou a consciência, alguns minutos depois, quando ouviu Ellie a chamar com insistência. Teve de lutar contra o torpor de seu corpo para abrir os olhos.

— Tiffany? Por favor? Não me deixe agora? Eu imploro! Tem uma coisa que preciso te dizer, antes. — Ellie disse.

— Eu também tenho que te dizer uma coisa. — Tiffany, só então, se deu conta de que estava amarrada de costas para Ellie, no chão.

— Eu amo você! — As duas disseram ao mesmo tempo, com medo de se não confessassem naquele instante, nunca mais, teriam chance de fazê-lo.

Elas riram, ainda que tristes.

— Eu sabia! — Tiffany disse. — Eu só voltei por você.

— Eu queria que tivéssemos mais tempo. — Ellie disse.

— E nós teremos. Eu prometo! — Tiffany disse. Muitas vezes, ela desejara a morte, mas agora que a mesma estava tão próxima, ela não queria morrer de jeito nenhum.

— Não seja mentirosa, Tiffany. — Peter disse. Ele estava agachado, próximo a elas, ainda com a faca na mão. — Não dê esperanças a ela porque nada é mais cruel que a esperança.

— Foi o infeliz do Clarence que te mandou fazer isso, ou você está apenas retaliando por algo que ele fez a você? — Tiffany perguntou, encarando Peter com ódio

— Ah, um pouquinho dos dois. Conta para ela? — Peter se voltou a Ellie.

— Stephen pagou a Clarence e a Peter para me matarem. — Falou Ellie.

— Oh, eu sabia! Clarence não mudou coisa nenhuma. — Tiffany chorou porque quase fugira com ele.

— O Clarence não teve coragem, então, me recomendou porque sabia que, diferente dele, sempre vou até o fim. — Peter disse.

— Eu perdoaria a dívida em drogas que ele fez comigo, e vocês, pombinhos poderiam ir para longe, mas você voltou, Tiffany, então, acho que devo encarar isso como uma quebra de contrato, não?

— Então é assim, seu infeliz? Depois de tudo o que fiz para você? — Disse Clarence ao surpreendê-lo.

Peter se voltou a Clarence, que estava parado, apontando uma arma para ele.

— Pense que estou te fazendo um favor, afinal, a Emma sempre foi um estorvo. Era boa para os negócios, admito, mas depois que deixou de me render, me diz? Para que ela serve? — Peter se levantou.

Clarence olhou para a Tiffany por um instante, mas desviou do olhar dela, envergonhado.

— Eu a amo e ela é perfeita, assim, do jeito dela. — Clarence disse.

— Oh, que fofo! Meu Deus! — Peter riu, com escárnio.

Clarence atirou e a bala disparada passou bem perto da cabeça de Peter, que não se mexeu. Ellie e Tiffany se encolheram, assustadas.

— Solta a faca! — Clarence ordenou.

Peter soltou, deixando-a cair no chão.

— Agora, chute-a para cá! — Clarence disse.

Peter obedeceu.

— Você pode levá-la, Clarence. Eu só quero a outra. — Peter disse, levantando as mãos.

— Tarde demais para barganhas! — Clarence disse se aproximando e gesticulando para que ele se virasse. Peter se virou e abaixou a cabeça, prestando a atenção em cada passo de Clarence enquanto este, avançava em sua direção. Quando Clarence já estava

próximo o suficiente, Peter se virou, agarrando o punho dele, e os dois iniciaram uma luta pela arma.

Tiffany olhou ao seu redor, nervosa e uma ideia louca lhe ocorreu.

— Ellie? Temos que chegar até a porta. Eu tenho um plano. — Tiffany disse.

Ellie assentiu, movendo a cabeça e se arrastou, junto a Tiffany, até a porta. Tiffany chutou o vidro com força e o salto de sua bota quebrou o vidro.

— Só mais um pouco? Estamos quase lá. — Tiffany disse, se arrastando. Ellie a acompanhou, e Tiffany se esforçou até alcançar um caco de vidro, então, começou a empreender seu esforço em cortar a corda de seu pulso.

Peter parecia levar a pior na luta contra Clarence, pelo que Ellie via. Clarence estava quase o dominando e recuperando a arma quando Peter sacou uma segunda faca que tinha escondido no bolso de sua calça, e o perfurou na barriga. Clarence recuou e Peter o feriu sem piedade enquanto o surrava.

Tiffany conseguiu se soltar e ajudou Ellie a se libertar.

—Vá buscar ajuda! Rápido! — Tiffany disse.

— O que? Não vou te deixar aqui. De jeito algum. — Ellie disse.

— Estou bem. Por favor, vá? Pelo Terry? — Tiffany pediu.

Ellie assentiu e fugiu.

Tiffany se levantou e pegou uma faca, avançando na direção de Peter. Infelizmente, ela estava tonta, ainda, e, para não cair, teve de se agarrar rapidamente à mesa e, sem querer, derrubou alguns copos. O barulho atraiu a atenção de Peter, que deixou Clarence e se aproximou dela, agarrando seu pulso e lhe tirando a faca. Tiffany deu um soco em Peter e viu o nariz dele sangrar. Peter retribuiu o soco, derrubando Tiffany, então, subiu em cima dela e apertou as mãos em seu pescoço.

— Tiffany? Não. — Clarence disse, engasgando com o próprio sangue.

Tiffany lutou com todas as suas forças, tentando resistir, mas, logo, sentiu suas forças se esvaindo mais rápido do que gostaria. Então, era assim que ela morreria? Não a surpreendia. Ela deveria

ter aprendido, antes, que era daquela forma que terminavam todas as mulheres que amavam homens maus. Trágico e belo como uma canção de Lana Del Rey, sua cantora favorita, sua musa que tinha mais a dizer da vida que qualquer um.

Engraçado o amor... Alguns vivem por ele, outros... Morrem por ele. Seu amor por Clarence a matara, e seu amor por Ellie a salvara, a transbordara de vida. Todos mereciam conhecer o amor e, ela conhecera, em sua forma mais pura. Já podia morrer, feliz.

Clarence reuniu o restante de sua força para se levantar, e apanhou um vaso de cristal que estava em um balcão e o bateu na cabeça de Peter. Ambos caíram, cada um para um lado. Tiffany se sentou, retomando o fôlego. Clarence estendeu a mão, tentando alcançar Tiffany. Ela se arrastou até ele e o puxou para seu abraço quente.

— Sinto muito. Eu não devia... — Ele disse, arrependido.

— Eu amei você, apesar de tudo. Então, te perdoo. — Tiffany disse e beijou a testa dele.

— Obrigado. — Ele disse, e sorriu, antes de fechar os olhos para sempre.

Tiffany chorou, abraçada a ele, e não se deu conta de que Peter se levantara e se aproximara dela, até sentir o cano do revólver encostar em sua cabeça.

— Não chore? Logo, você se juntará a ele. Vadia. Miserável. — Peter disse.

Tiffany fechou os olhos, assustada e só ouviu o disparo.

— Queime no inferno. Maldito. — Ellie disse.

Tiffany abriu os olhos ao reconhecer a voz dela e se deu conta do que acontecera. Ellie não deixara a casa quando ela pedira, mas fora até seu escritório, buscar a arma que tinha guardada em um cofre, e voltara a tempo de matar Peter.

Tiffany viu Peter caído no chão, com os olhos arregalados, a boca semiaberta. Ellie o acertara em cheio na testa.

A mão de Ellie tremia quando ela soltou a arma, que caiu no chão, fazendo barulho.

— Você está bem? — Ellie perguntou a Tiffany.

Tiffany assentiu, movendo a cabeça, mas não estava nada bem, então, se levantou e foi ao encontro de Ellie, abraçando-a. Elas choraram, juntas.

Hermínia e Dwayne, chegaram, ainda que, um pouco tarde.

— Que bagunça vocês fizeram aqui. — Dwayne disse, pegando o celular para pedir ajuda.

— Ellie? Está tudo bem? Você se feriu? — Hermínia perguntou, preocupada com sua filha.

Tiffany recuou para que Ellie pudesse conversar com a mãe. Ellie contou o que houve, indo para a sala com Hermínia e Tiffany. Hermínia não queria deixar a filha, mas por insistência da mesma, foi até o colégio, buscar Terry e levá-lo para a sua casa, já que Ellie não queria que o filho visse a própria casa se tornando a cena de um crime. Terry não entendeu nada, mas foi com a sua avó, ainda, assim.

Ellie e Tiffany tiveram de ficar na casa até serem interrogadas pelo xerife.

Dwayne, como advogado de Ellie, ficou ao seu lado, para garantir que seus direitos não seriam violados. Ellie pediu-lhe que também representasse Tiffany, e ele aceitou, afinal, mais dinheiro era sempre bem vindo.

Ellie foi para a casa de sua mãe, e Tiffany para a pensão da avó de Odessa. As duas ficaram quase uma semana sem se virem ou se falarem, até Ellie ir atrás de Tiffany. Odessa ligou para Ellie quando soube que Tiffany planejava ir embora da cidade. Quando Tiffany abriu a porta para receber Ellie, a morena percebeu que a loira estava pálida e com olheiras. As malas, já, feitas, ao lado da cama.

— Ia mesmo embora sem se despedir? — Ellie perguntou.— Pensei que... Tiffany? Eu amo você e não quero que parta nunca. Então, por favor? Venha comigo? — Ellie estendeu a mão.

Tiffany encarou a mão dela.

† † †

Na casa de Stephen foram encontradas evidências de que ele encomendara a morte de Ellie, por isso, tanto Ellie quanto Tiffany

não teriam nenhum problema com a justiça.

O livro de Ellie fora bem aceito por Dwayne e Hermínia, que garantiram que ele seria um sucesso.

Odessa, finalmente, ganhou sua cópia autografada do último romance de Ellie Friedman e ficou muito feliz, exibindo para todos os clientes do café, e fazendo sua avó revirar os olhos e dizer que ela precisava amadurecer.

∞ ∞ ∞

Ellie parou o carro no acesso entre uma bela casa de campo e um lago. O gramado estava parcialmente coberto por folhas laranjadas que desprenderam-se das árvores, formando um belo tapete natural. No lago, um casal de cisnes nadava, lado a lado.

— Que lugar é esse? — Tiffany perguntou.

— Hmm... — Ellie deu de ombros, sorrindo, misteriosa, e deixou o carro, se aproximando da casa. Tiffany a seguiu, intrigada, e ao mesmo tempo, admirada com a beleza quase surreal do lugar.

Ellie abriu a porta e gesticulou para que Tiffany fosse na frente. Tiffany encarou Ellie, antes de seguir adiante. A casa era ricamente mobiliada, e cheirava a... Torta de maçã? Tiffany se voltou a Ellie, confusa. Ellie se aproximou dela e segurou suas mãos, fitando-a.

— Eu preciso saber... Você realmente me ama? — Ellie perguntou, mas Tiffany notou que não havia nenhuma dúvida no olhar dela. Ela só queria confirmar o que tinha certeza.

— Com todo o meu ser. — Tiffany disse, sinceramente.

Ellie riu, feliz, antes de beijar Tiffany, sendo correspondida pela mesma.

— Seja bem vinda a nossa nova casa. — Ellie disse, recuando, mas sem soltar Tiffany. — Somos uma família, agora.

— Eu... Tem certeza? E se o Terry não me aceitar? — Tiffany disse, insegura.

— Eu posso me acostumar à ideia de ter duas mães. — Terry disse, e, só então, Tiffany percebeu que o menino estava escondido atrás de um móvel, sorrindo.

— Terry? Estava espiando? Que feio! — Ellie disse, fingindo se zangar.

— Desculpe? Estava ansioso. — Terry confessou. — Então, Tiffany? Vai ficar e ser minha segunda mãe?

Tiffany alternou olhares entre os dois, emocionada, e disse:

— Vocês combinaram, não combinaram?

— Não sei do que está falando. — Ellie disse, fazendo graça e pegou a mão de Tiffany.

Terry veio e pegou a outra mão dela, e os três foram para a cozinha, que se encheu de risos e alegria...

FIM.

Sobre a autora



Daniele Claudino nasceu em 1992, em Campo Grande – MS, onde, ainda, vive, atualmente. Fascinada por magia, é administradora dos blogs A Dança Das Fadas e Átropos.

Conheça os blogs da autora:

<http://adancadasfadas.blogspot.com>

<https://altropos.blogspot.com>

Siga as Redes Sociais da autora:

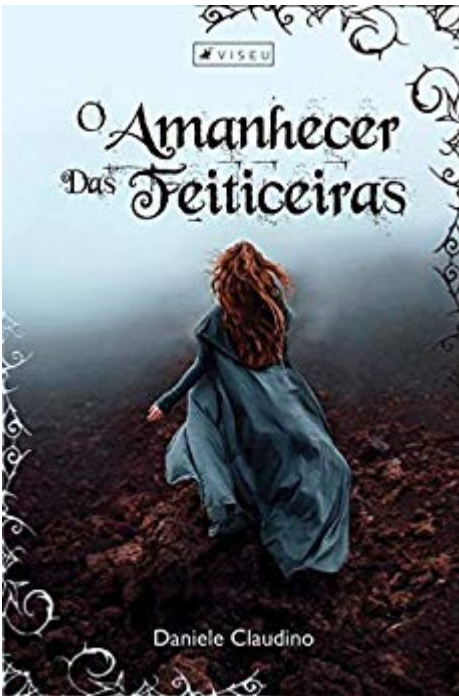
Instagram:

<https://www.instagram.com/nielee bloom/>

Twitter:

<https://twitter.com/nielee bloom>

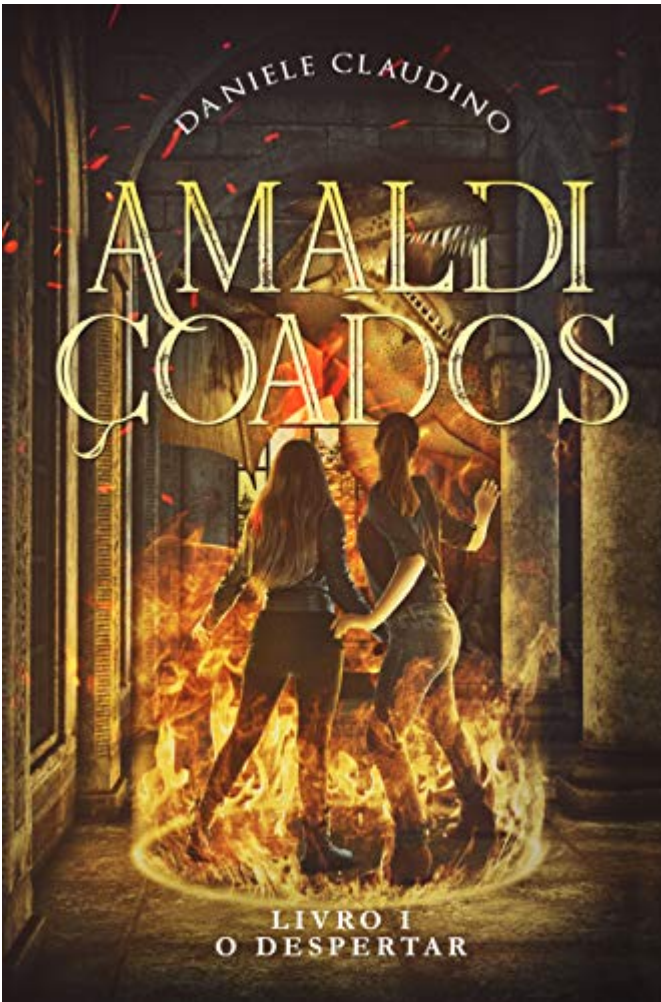
Outros títulos da autora:



Título: O Amanhecer Das feiticeiras

Sinopse: Ananda e Lucy são bruxas que lidam de formas distintas com seus dons, enquanto Lucy teme ver espíritos, Ananda se esforça para se tornar uma Viajante Astral. Ambas se unem a outras três bruxas e a uma caçadora para descobrir quem está matando pessoas inocentes e violando o Tratado de Paz entre as espécies, por isso, se tornam alvos de um inimigo oculto. Quando não sabem mais em quem confiar, todos são suspeitos, inclusive, elas mesmas.

Disponível na Amazon.



Título: Amaldiçoados

Sinopse: O Castelo Da Escuridão possui uma antiga maldição que a cada pôr do sol transforma homens em feras, sedentas por sangue. Uma profecia anuncia a chegada de cinco mulheres, capazes de quebrar a maldição. Unidas por um único propósito, elas devem enfrentar suas piores lembranças em busca de redenção.

Disponível na Amazon.